



A CASA LÚDICA

Maria Eduarda Rodrigues Barbosa

ORIENTADOR.

João Carlos do
Amaral Cruz

CO-ORIENTADOR.

Paulo Alexandre
Guimarães Coelho

CURSO.

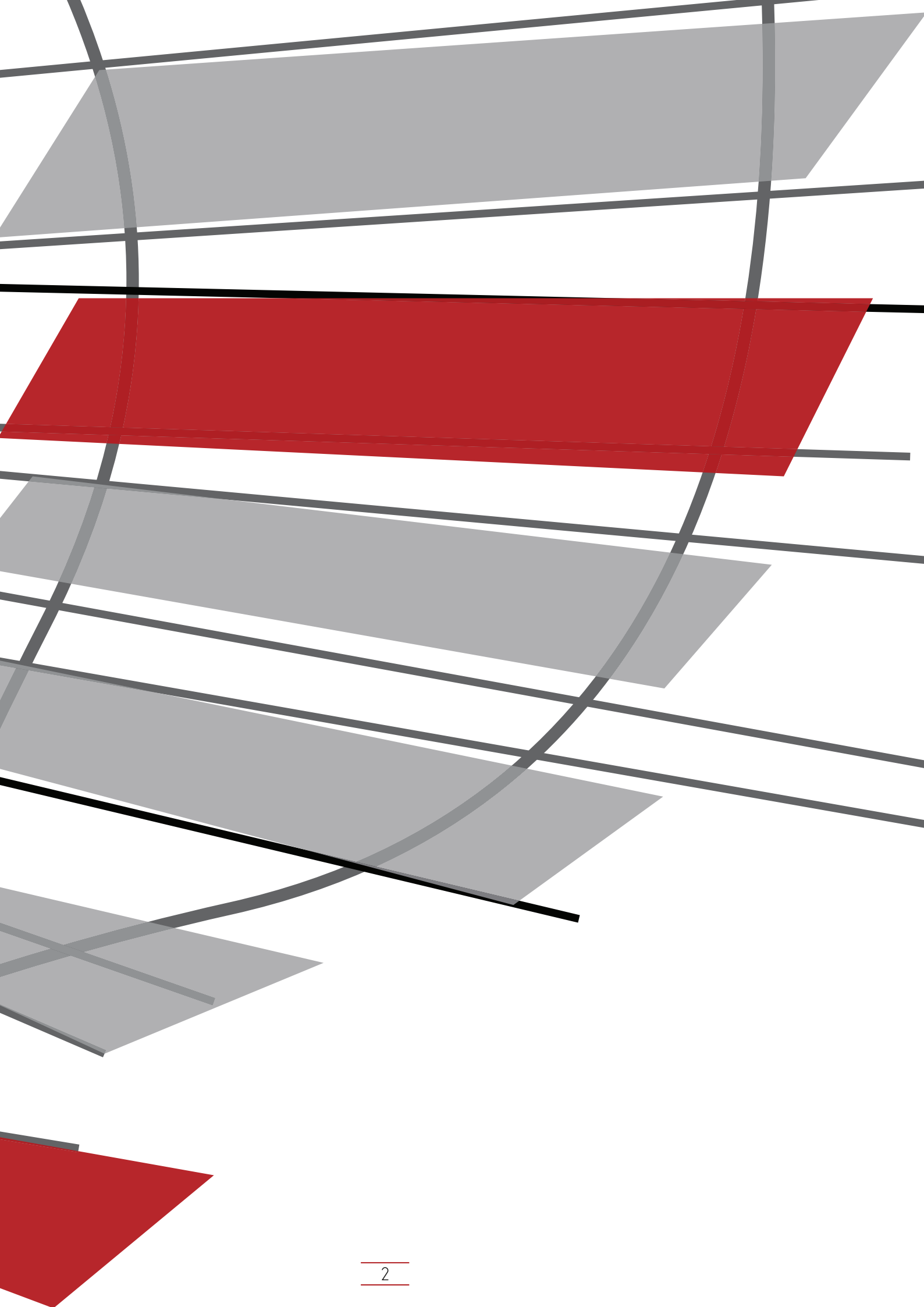
Mestrado em Espaços
Urbanos e Interiores

REALIZADO.

2011/2012

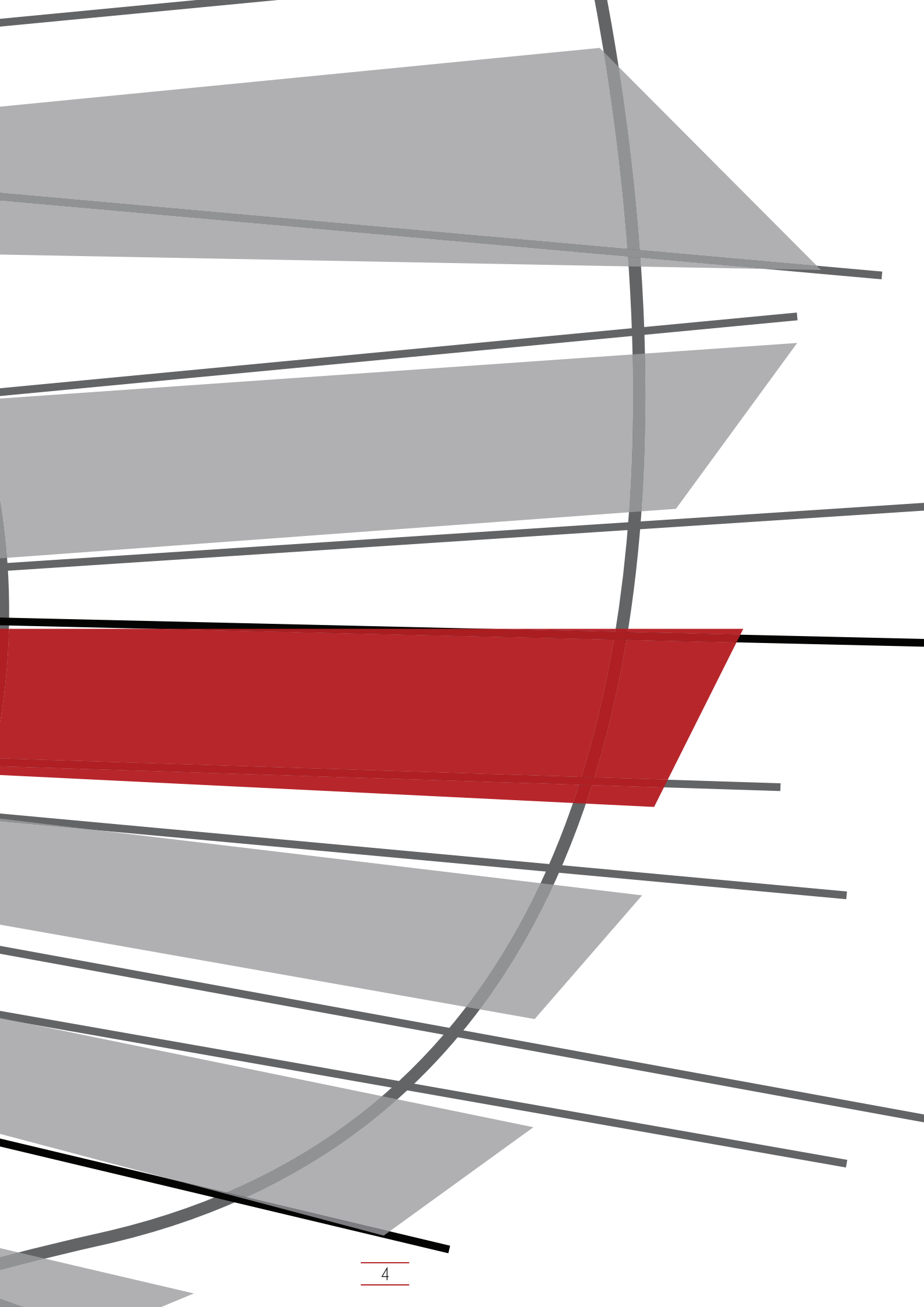


ESAD
ESCOLA SUPERIOR
DE ARTES E DESIGN
MATOSINHOS



DEDICATÓRIA

Aos meus pais, pela educação que me proporcionaram, pelos valores que me transmitiram, mas sobretudo, pelo amor e carinho que sempre me deram.



PALAVRAS-CHAVE

Habitar; espaço privado; lúdico; interiores

RESUMO

A acção de 'habitar' é a construção do espaço simbólico. A habitação prepondera a existência do homem.

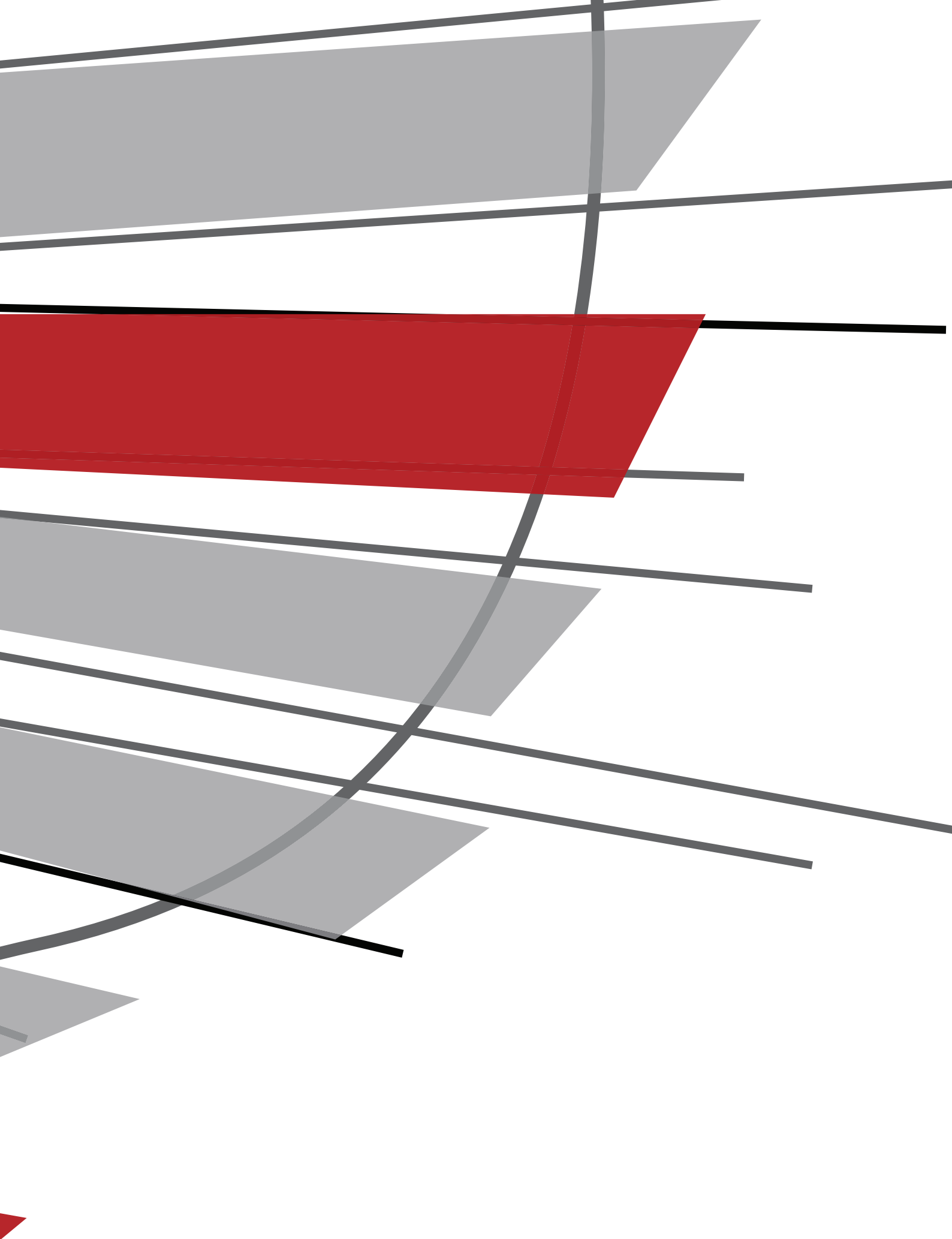
○ ser humano, tanto no plano concreto como no simbólico, necessita do abrigo da casa. ○ seu maior bem é ter um abrigo no qual possa sonhar, refazer as suas forças. É nele que o homem cria os seus lugares mais íntimos e onde tem a segurança de estar abrigado, protegido. A casa é o lugar do espaço em que o sujeito se referencia.

Nessa perspectiva, a habitação não pode ser resumida apenas a uma questão relativa às políticas públicas e sociais. A casa diz respeito à condição humana.

○ homem precisa do recolhimento e da intimidade da casa, mas, por outro lado, precisa também da relação com o outro. Assim, a casa e o seu entorno podem ser espaços de trocas afectivas, permitindo uma interacção satisfatória em termos de sociabilidade, em que é possível desenvolver e cultivar os valores éticos.

○ diálogo contínuo, resultante da interacção entre os diferentes horizontes subjectivos, abertos por experiências concretamente vividas, proporciona o espaço, a habitação.

○ que organiza o espaço, visando uma viabilidade do convívio, é busca da construção de um espaço especificamente humano.



KEY WORDS

Inhabit; private space; playful; interiors

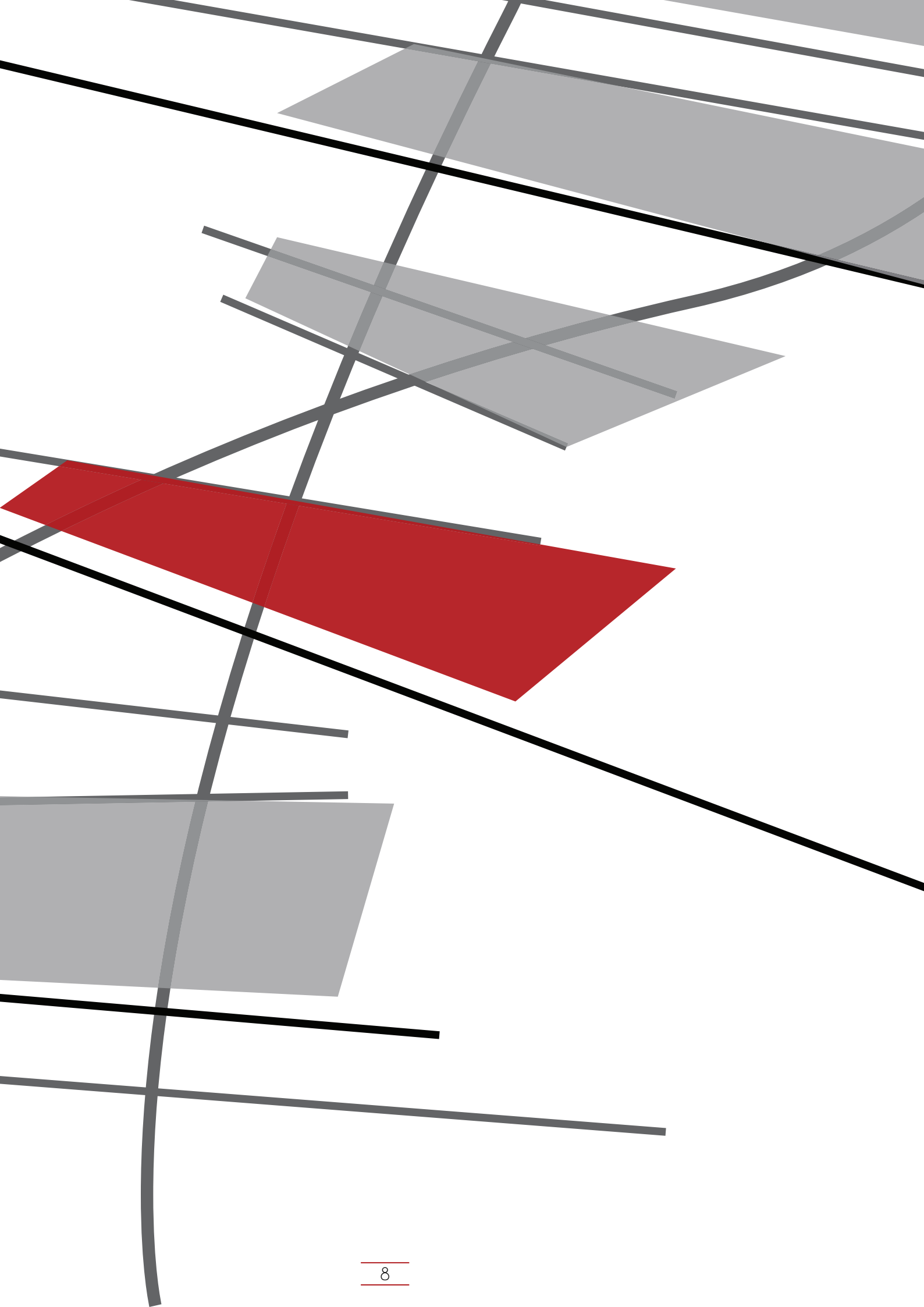
ABSTRACT

In its essence, “to inhabit” it’s the construction of a symbolic space. The habitation itself overcomes the men existence.

The human being needs the shelter provided by a home. It’s his greatest possession to have a place where he can dream and regain his strengths. It’s in it, that he creates his intimates places and where he can find the safety of being sheltered as well as protected. Home, it’s a place where the subject references himself. From this perspective, the habitation cannot only be a matter of social and public politics. It concerns to the human condition.

A man needs the shelter and privacy that only a home can provide, but he also needs to interact with others. Thus, the house and its surrounds can be a place for affective trades allowing a satisfactory social interaction in which it’s possible to build and cultivate ethic values. The continuous dialogue, resultant from the interaction between subjective horizons, opened by experiences materially lived provides the space and the habitation.

What has the power to organize the space, in order to achieve the feasibility of coexistence it’s the continuous search for the construction of a space specifically human.



AGRADECIMENTOS

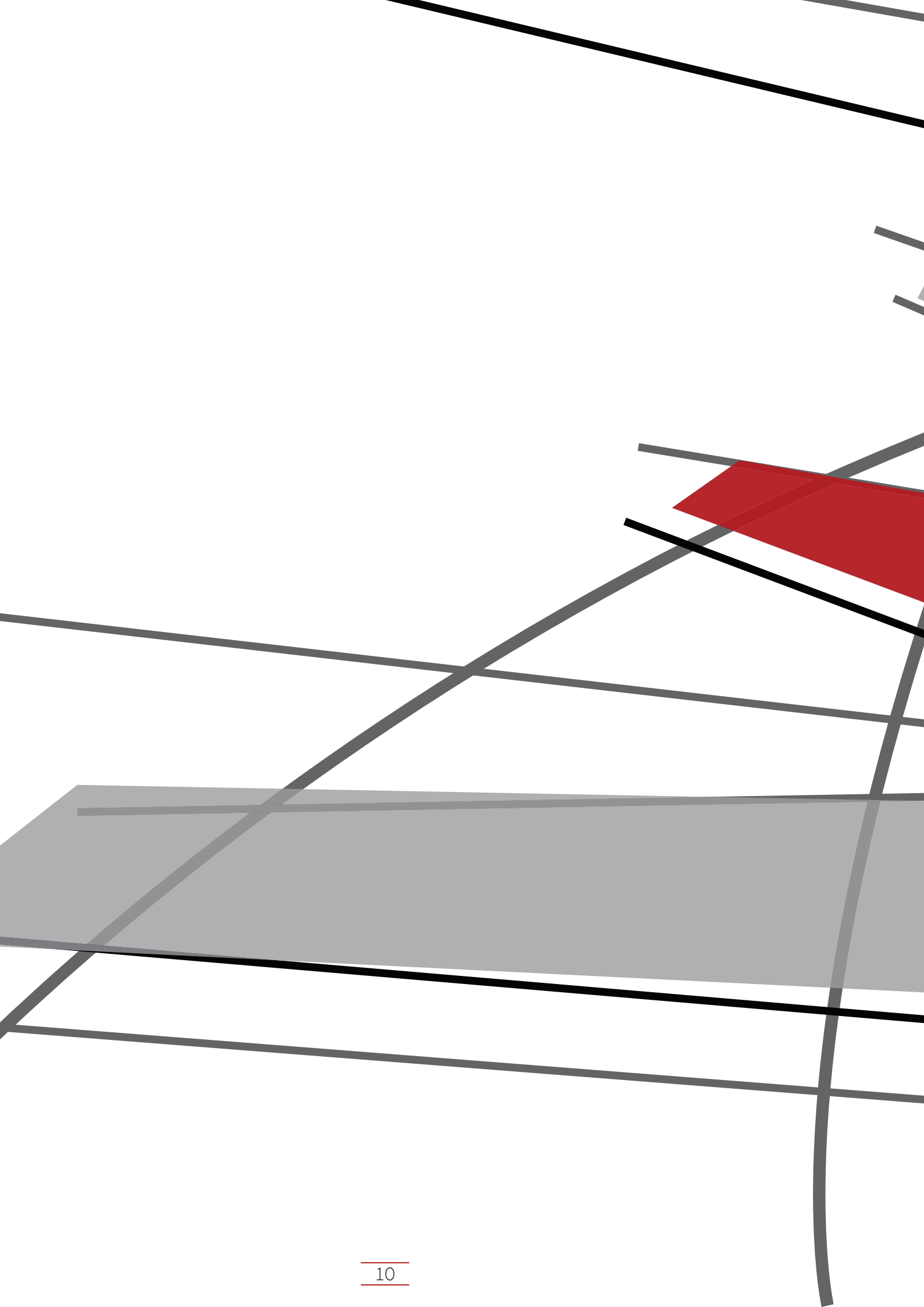
Agradeço, sobretudo, aos meus pais, pois sem eles esta etapa não teria sido possível. Todo o apoio e suporte que sempre me deram e que fez com que alcançasse os objectivos a que me propus.

Aos meus amigos e ao meu namorado, que tiveram sempre a meu lado, e com quem pude partilhar os momentos de alegria e tristeza, euforia e desmotivação, que me viram com bom e, principalmente, mau humor e mesmo assim nunca desistiram de mim e acreditaram que era possível, possibilitando estar nesta situação.

Ao Professor Paulo Coelho, que mesmo tendo de se afastar numa fase final, foi um elemento fulcral no desenvolvimento do meu projecto, que sempre me acompanhou, apoiou e encorajou ao longo deste percurso.

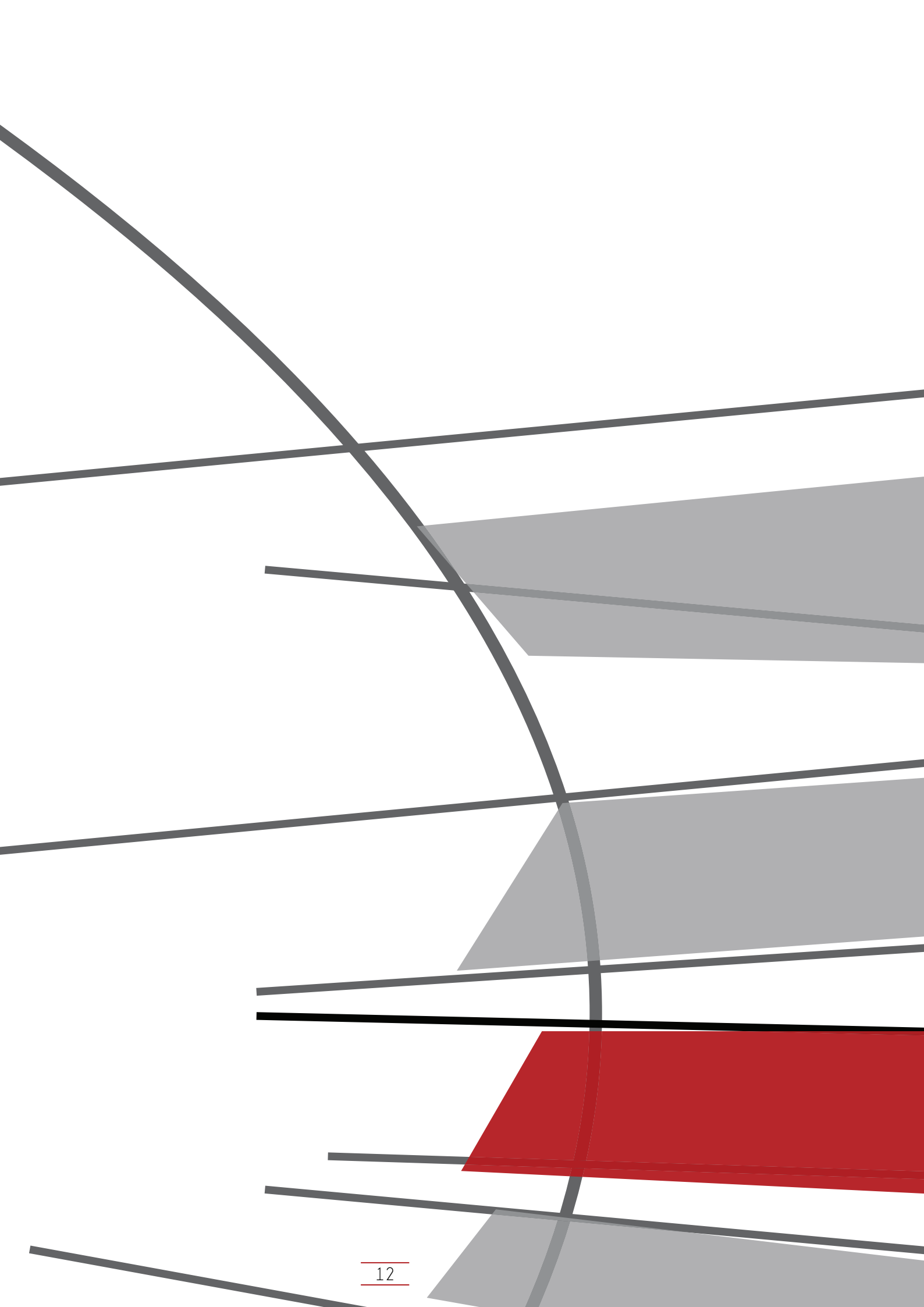
Ao Professor João Cruz pela disponibilidade a que se propôs, desde imediato, de me acompanhar numa fase final da realização deste projecto.

Sem eles, não teria sido possível terminar com êxito este capítulo da minha vida.



ÍNDICE

Dedicatória	Pág. 3
Palavras-chave/ Resumo	Pág. 5
Key Words/ Abstract	Pág. 7
Agradecimentos	Pág. 9
Índice	Pág. 11
Epígrafe	Pág. 13
Localização	Pág. 15
Plantas Fornecidas	Pág. 17
Introdução	Pág. 19
Desenvolvimento	Pág. 21
Princípios e finalidades do projecto	Pág. 21
Design de Interiores	Pág. 25
O Habitar/ A Habitação	Pág. 27
Relação Interior/ Exterior Público/ Privado	Pág. 31
A Importância da Luz	Pág. 38
Luz Artificial/ Luz Natural	Pág. 38
Cor	Pág. 41
Processo	Pág. 43
Casa: Espaço e Enquadramento	Pág. 43
O Mobiliário	Pág. 53
Proposta Final	Pág. 54/55
Piscina	Pág. 56
Sala de Jogos/ Estar Lareira	Pág. 60
Escadas	Pág. 63
Wc/ Escritório/ Estar TV/ Pátio Exterior	Pág. 68
Cozinha	Pág. 76
Suite	Pág. 80
WC P2	Pág. 84
Sala/ Recepção	Pág. 88
Sala de Jantar	Pág. 90
Cozinha P2	Pág. 92
Mobiliário Concebido	Pág. 94
Conclusão	Pág. 97
Bibliografia	Pág. 98
Bibliografia de Imagens	Pág. 100
Anexos	Pág. 102



“Um projecto deve ser individual, de acordo com a sua localização e finalidade”, palavras de Frank Lloyd Wright e da sua arquitectura organicista. Procurando a harmonia entre os diversos elementos edificantes e de sequência etérea entre os espaços, assim como a delicada integração na paisagem, a casa coloca os seus ocupantes numa íntima relação com o horizonte. Todos os elementos da estrutura são conjugados de forma tão tranquila que não ouvimos nenhum ruído.

Mariana Monteiro



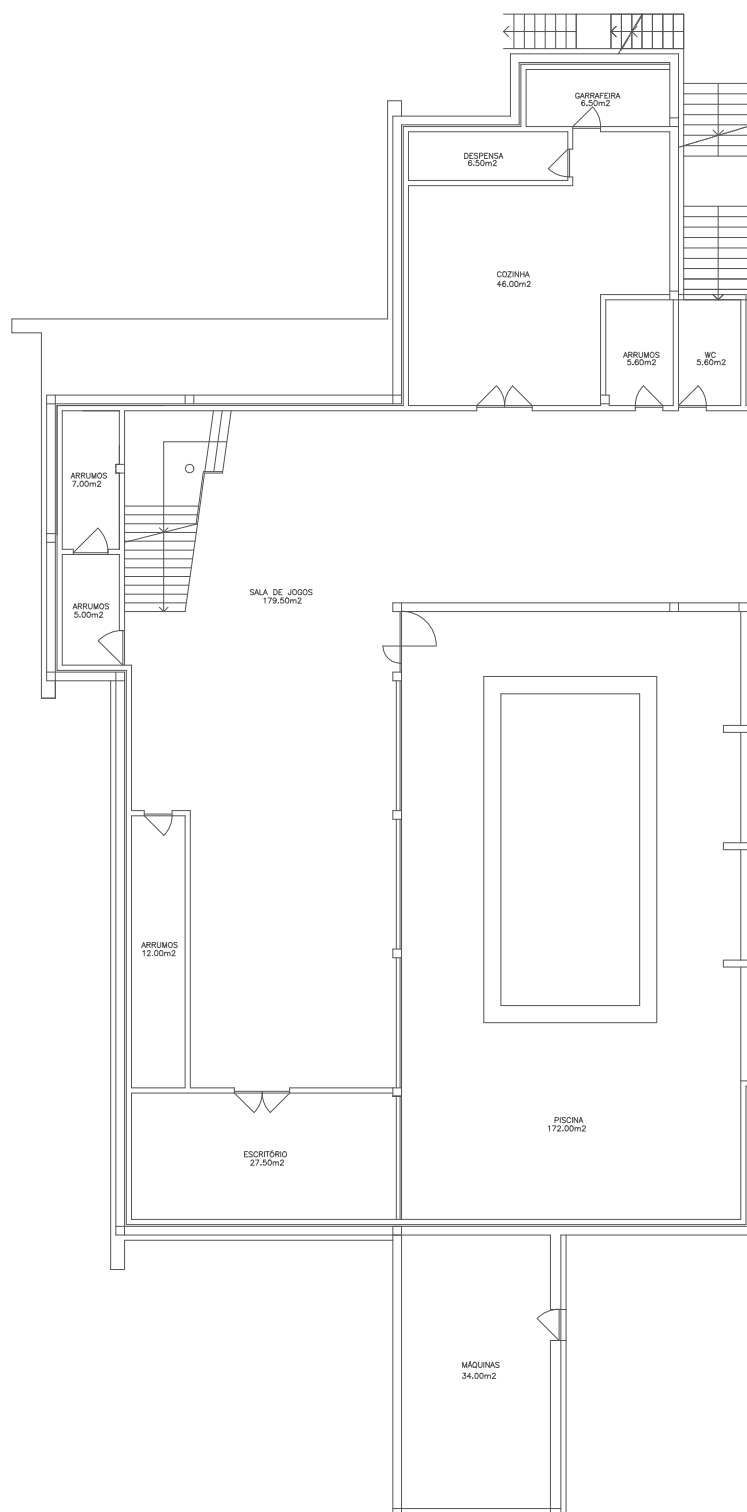
LOCALIZAÇÃO



Esta habitação tem como localização a aldeia de Tamal São Veríssimo, na cidade de Barcelos.

01.

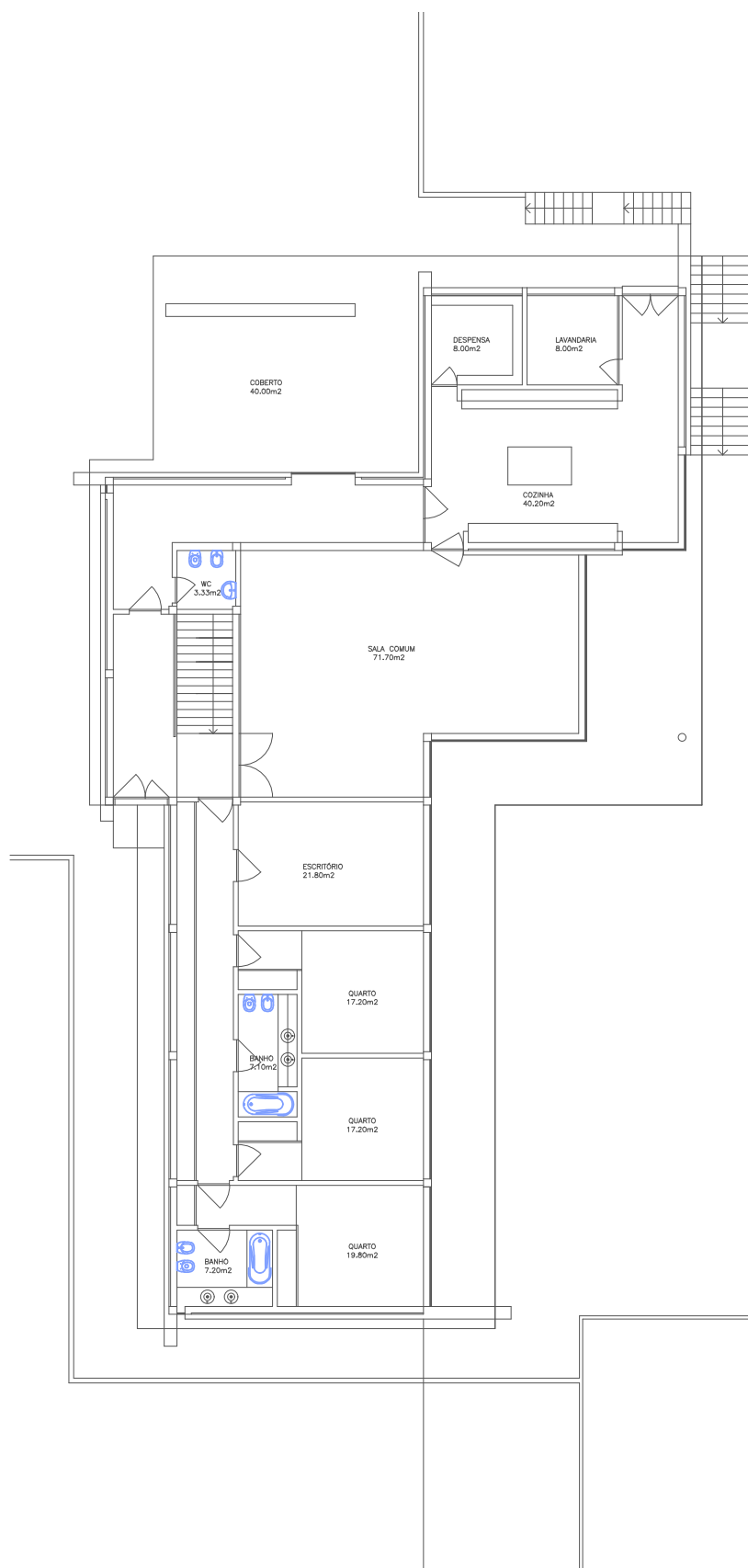
Planta: Piso 1



PLANTAS FORNECIDAS

02.

Planta: Piso 2

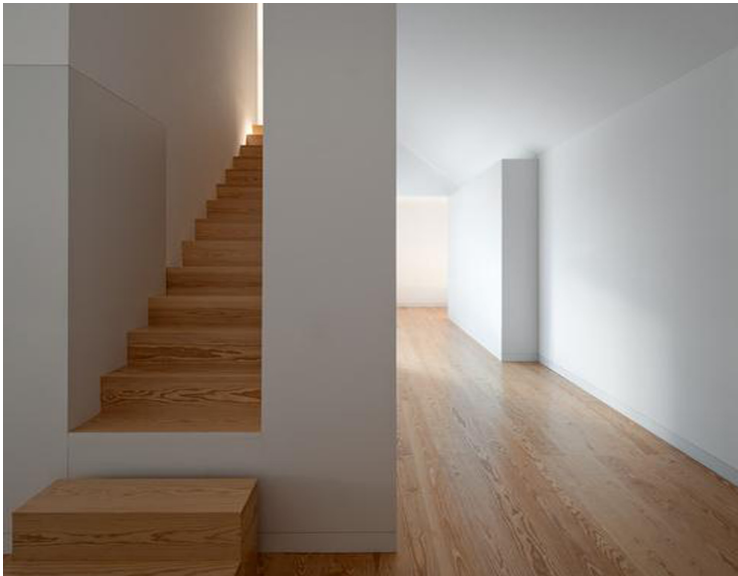




03.

Designer: Aires Mateus Arquitectos

Localização: Leiria, Portugal



04.

Designer: Aires Mateus Arquitectos

Localização: Leiria, Portugal



05.

Designer: Aamer Taher Architects

Localização: Ilha de Sentosa

INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento e realização do projecto, será abordado o estudo e concepção de um espaço interior, escolhendo, neste caso, uma habitação unifamiliar. Predominará a preocupação da criação de um lar e não a criação de uma mera habitação, em que se excluem as necessidades dos habitantes e o conhecimento de hábitos familiares.

Abordando inúmeros projectos a nível habitacional, com a percepção de uma acertada escolha para a conceptualização de uma nova e pertinente abordagem, surgiu um interessante projecto de uma habitação unifamiliar, com as características necessárias para o estudo e o aprofundamento do espaço 'lar'. Este projecto tem como localização a aldeia de Tamel São Veríssimo, na cidade de Barcelos. Situa-se num meio rural, com espaços verdes a envolvê-la, característica da localidade, e com pouca densidade habitacional, criando assim uma espécie de refúgio para a família que ali habitar.

A 'entrada' no foro íntimo/privado do ambiente e interesses familiares enriquece a solução final do projecto e altera significativamente o percurso e trajectória deste, surgindo novos obstáculos e preocupações referentes às necessidades da família. A importância destes aspectos e o não descaramento dos mesmos muda significativamente a solução final do projecto.



06.

Empresa: Tétrarc Architects

DESENVOLVIMENTO

Princípios e finalidades do projeto

É uma habitação com linhas arquitectónicas modernas, predominando as grandes e amplas superfícies envidraçadas, com entrada abundante de luz natural. A criação de espaços amplos, com a inclusão de vários espaços de lazer, é a preponderante do projecto.

A escolha desta habitação em particular surgiu, em grande parte, devido às suas grandes dimensões, havendo uma maior liberdade para explorar diferentes áreas e para uma diversidade de espaços. Desta forma, será possível criar e interligar distintos espaços para uma melhor interacção entre os utilizadores, facilitando e apelando às relações sociais, não pensando no espaço somente para uso do núcleo familiar, mas também nos diferentes laços afectivos.

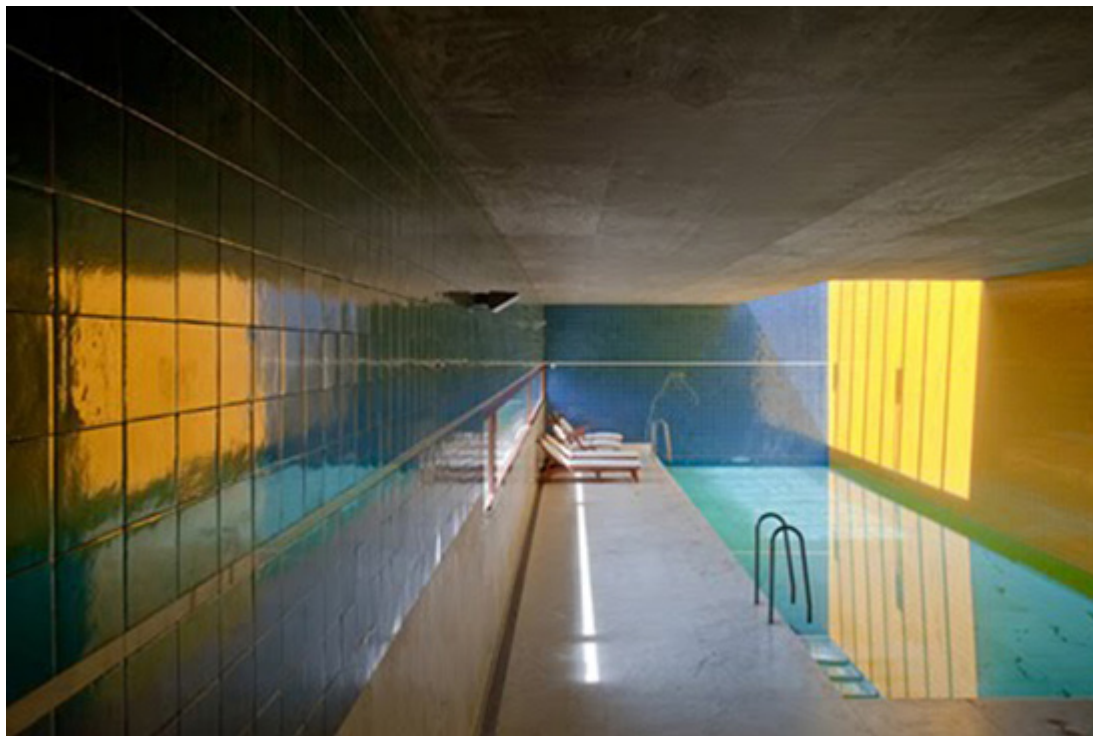
A procura por soluções referentes a este novo espaço, extremamente versátil devido às suas características, requer um estudo aprofundado destas diferentes abordagens.

Importa sublinhar que, no início da investigação, os objectivos são tais, que há uma dificuldade em focar o que realmente é pertinente abordar. Com efeito, a possibilidade de encontrar, através do desenho do espaço, pontos fulcrais e delineares do aspecto social da habitação será uma mais-valia para a concretização deste projecto. Devido ao espaço lúdico, sala de jogos com a particularidade de uma piscina interior, potenciar as relações humanas e a interacção de pessoas de diferentes faixas etárias faz-nos pensar e perspectivar o espaço de outra maneira, com a inquietação de o modelar para mundos, afinidades, gostos, entre outros, totalmente distintos.

De acordo com a espacialidade, desenhar um 'espaço' para diferentes histórias de vida pode ser aliciante.

Pensando, sobretudo, no aspecto do habitar, será relutante a criação de um lar para uma família específica, abordando hábitos familiares, interesses, entre outras particularidades. A aquisição de informação do espaço íntimo e reservado do ambiente familiar é uma mais-valia para a construção de bases para a inicialização do projecto. Deve existir uma tentativa de explorar todos os aspectos pertinentes da habitação, ou seja, o espaço envolvente, a relação do espaço interior/exterior e íntimo/privado, entre outros, que requerem obrigatoriamente a abordagem da problemática habitar e a interacção e compreensão do espaço lúdico (relação interior-exterior) neste contexto em concreto, a junção e parcialidade de um salão de jogos com uma piscina interior e as diferentes interacções neste mesmo espaço. Será relevante haver uma nova percepção e um projecto realista e existente para abordar uma nova perspectiva das relações sociais. Com o enquadramento de pessoas de diferentes faixas etárias, e nomeadamente com perspectivas de vida totalmente distintas, a criação de um espaço a englobar todos estes aspectos será relevante para futuras concepções de espaços lúdicos, com a fronteira dos espaços privado e público e das relações sociais.

Ao iniciarmos o estudo da proposta desta habitação, deparamo-nos com uma distribuição espacial pouco cuidada e com enorme desperdício de espaço, aspecto notório no piso inferior.

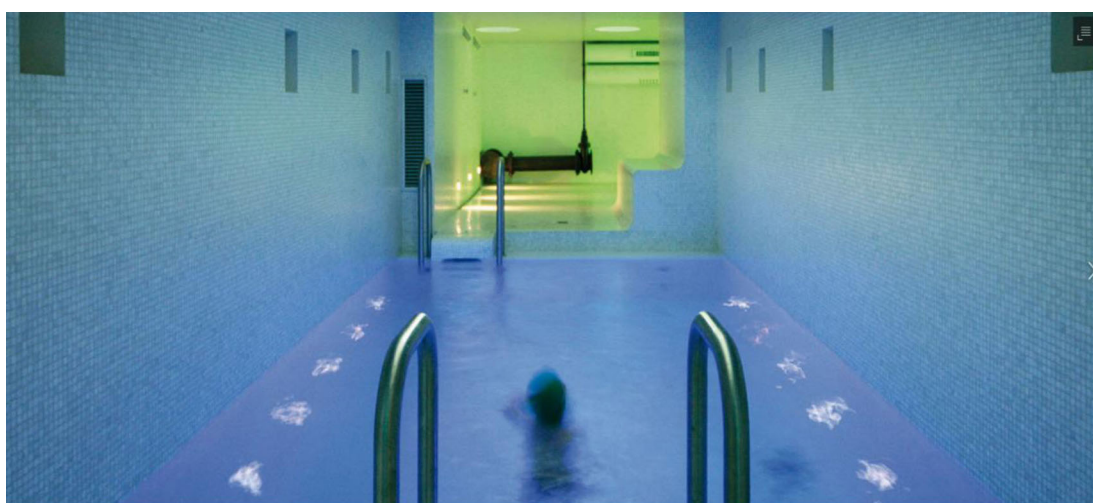


07.

Quinta de St. Ovídio

Arquitectos: Alvaro Siza Vieira

Localização: Portugal



08.

Arquitectos: Stefano Giovannoni

Empresa: Bisazza

A piscina foi dos elementos que suscitou maior apreensão quanto ao local onde estava inserida. Ao estar como elemento central na disposição do piso inferior, o restante espaço estaria condicionado e “preso” àquele elemento, não apelando a qualquer tipo de interação entre o núcleo familiar, hipótese a ser abandonada de imediato.

Um dos maiores desafios do projecto foi a procura por uma nova solução para a localização da piscina, a procura pela solução ideal para a distribuição espacial e a procura também de novos espaços.

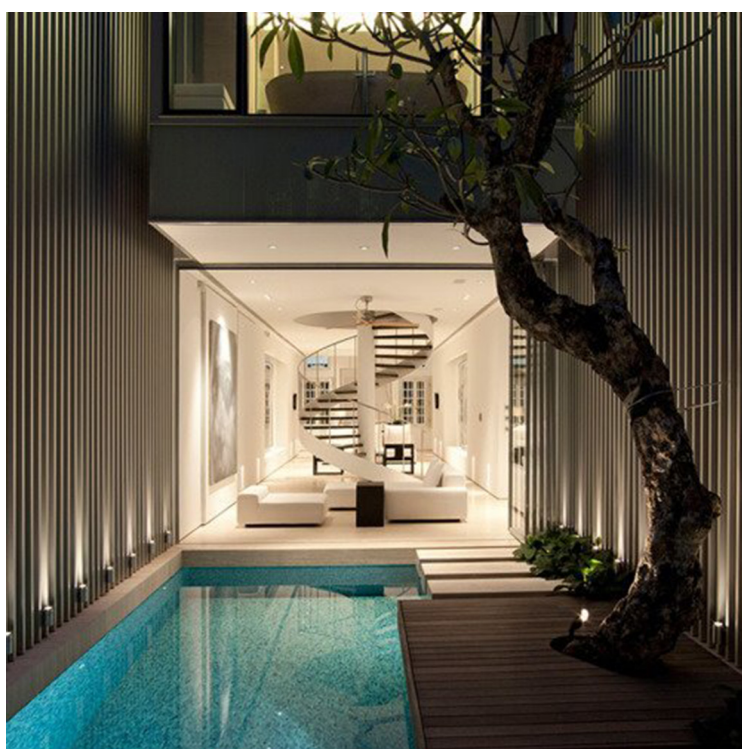
A criação de um espaço mais amplo e mais apelativo ao convívio e às relações sociais foi o ponto de partida para a conceptualização do espaço, havendo sempre a preocupação e o cuidado em valorizar o espaço, aproveitando o que de melhor havia nele.

Começa aqui o desenvolvimento e a resolução do projecto, com o reaproveitamento do espaço a ser a grande prioridade.



09.

Designer: Diego Molina
Localização: 55 Blair Road, Singapura
Empresa: Ong & Ong Architects



10.

Designer: Diego Molina
Localização: 55 Blair Road, Singapura
Empresa: Ong & Ong Architects



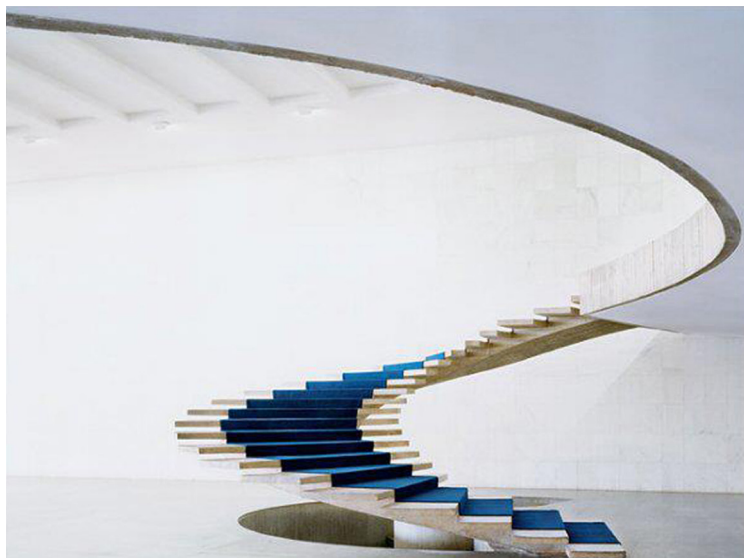
11.

Designer: Diego Molina
Localização: 55 Blair Road, Singapura
Empresa: Ong & Ong Architects

O design de interiores foi uma das áreas que mais evoluiu nas últimas décadas e um mundo no qual as tendências e as novas linhas de evolução se reflectiram com mais clareza, tanto em relação a materiais, formas construtivas, como a estilos (Broto & Minguet, 2003a). Em alguns sectores da sociedade, a habitação é vista como um símbolo de status, a expressão máxima de riqueza e estilo (Gibbs, 2005). Com isto, cada vez mais as pessoas começam a ter influência e a impelir no design das suas casas, recorrendo a profissionais da área para lhes serem atribuídas mais possibilidades na fase de concepção, da estética e do funcionamento das suas novas habitações (Towers, 2005). Nesta perspectiva, houve uma necessidade de criação e 'aparição' da arquitectura/design de espaços interiores, tendo sido criada naturalmente num demorado processo de integração (Ferrara & Smith, 2003). Esses mesmos profissionais, em resposta a clientes cada vez mais exigentes, viram-se forçados a explorar novas áreas e a alargar o seu leque de conhecimentos, para se adaptarem e conseguirem responder à exigência e ao gosto das novas e diferentes gerações (Broto, 1999).

O designer desempenha um papel importante no campo da criatividade e novidade, devendo ser capaz de expor as suas ideias, pois as pessoas esperam que elas sejam arrojadas e que vão ao encontro dos seus ideais e objectivos (Russel, 2008), utilizando assim, a sua profissão como um instrumento em benefício dos outros, da sociedade a que pertence. Deve procurar criar formas que melhor serviço possam prestar quer à sociedade quer ao seu semelhante, e para tal a sua acção implicará, para além do drama da escolha, um sentido, um alvo, um desejo permanente de servir. (Távora, 1999, p.86)

O designer tem como função principal interpretar ideias e a identidade do cliente, a fim de proporcionar o ambiente adequado e desejado. "O designer tem assim a oportunidade de transmitir todo o tipo de informação pessoal sobre o cliente." (Gibbs, 2005, p. 38, tradução livre)



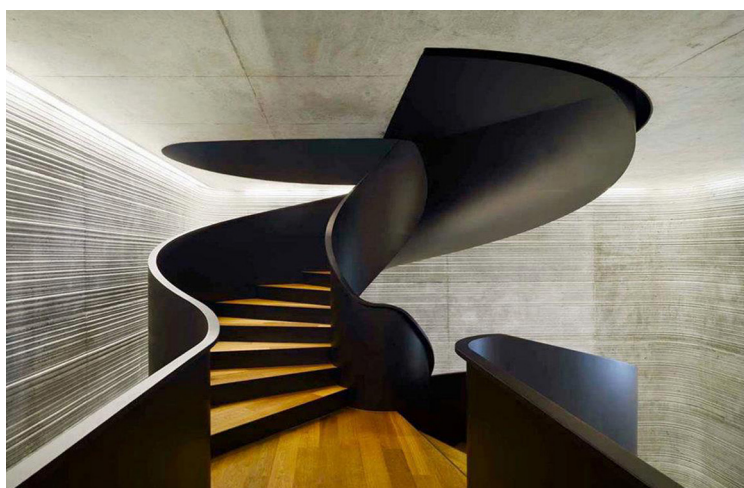
12.

Designer: Oscar Niemeyer
Localização: Rio de Janeiro



13.

Designer: Massimiliano Fuksas
Localização: Nova Iorque
Cliente: Armani



14.

Designer: Hanners Hanz
Localização: Zurich

Habitar, um verbo simples para um dos mais elementares e básicos aspectos da vida que possamos imaginar, foi fonte e ocasião de seculares e encarniçadas disputas sem fim e da mais variada natureza. A ideia de repetição é constituinte deste verbo. Ele não é, portanto, relativo a uma acção determinada, como podia ser hospedar-se, alimentar-se, descansar ou trabalhar, em que o verbo se sustenta, mas sobre uma acção qualquer sistematicamente executada de modo idêntico ou similar num espaço determinado, num lugar que possui as características oportunas para receber adequadamente essa acção (Milano, 2005). Uma habitação exige ser pensada como algo autónomo, como um espaço que respeita a nossa independência (Monteys & Fuertes, 2001).

É um produto funcional e cultural que reproduz relações e efeitos típicos do tecido social que a gera. Assim, o habitar é um conceito que se tem transformado ao longo do tempo, acompanhando especificamente posturas, ritmos, significados e desejos das sociedades (Milano, 2005).

A condição do habitar implica que se estabeleça uma relação significativa entre um humano e um determinado ambiente, consistindo num acto de identificação, ou seja, o reconhecimento de pertença a um determinado lugar (Norberg-Schulz, 1984).

A casa, a construção da habitação, não é tanto uma metáfora, o seu conceito é baseado na ideia de que uma casa deve satisfazer necessidades diversas (G. Cañizares, 2011). Nela pode “exercer-se o autêntico habitar, a plenitude do ser, mas contudo, não é um marco inóceno, imune ao reflexo dos nossos conflitos, é o lugar do íntimo tanto quanto do inóspito.” (Ábalos, 2003, p.45).

“A habitação é o teatro no qual se representa sistematicamente, com pequenas variações, uma mesma cena.” (Milano, 2005, p.67).

A habitação funciona para os seus ocupantes como algo vivo, algo que corresponde e responde às suas inquietudes e necessidades e que, portanto, os vai definindo enquanto pessoas (Monteys & Fuertes, 2001). Foi no início do século XX que diferentes tipos de abordagens se reuniram num desejo comum de reconstituir o significado original da casa como habitação permanente do homem (Arredi, 1997). Assim, o chamado ‘buraco’, onde a habitação é um lugar privado, passou a designar-se como lar, podendo ser caracterizado como um refúgio onde o homem recolhe e exprime as memórias do seu mundo privado (Norberg-Schulz, 1984).

Uma boa habitação é aquela em que se vive bem, em que a sua qualidade essencial é a possibilidade que tem de ser vivida. O habitar doméstico cobre principalmente a vida privada, o valor da habitação reside, antes de mais, na sua capacidade de favorecer a sensação de conforto e a discreta relação entre os espaços interiores (Cornoldi, 1999).

O bem-estar doméstico é uma das necessidades fundamentais do ser humano, crescendo significativamente, ao longo dos anos, na perspectiva do aumento do nível de vida e dos avanços tecnológicos. Uma sensação de conforto, aconchego e intimidade são aspectos determinantes para a tão aclamada sensação de bem-estar (Rybezynski, 1989). Como o ritmo de vida está continuamente a acelerar, tem-se denotado uma maior ênfase na habitação como um refúgio (Gibbs, 2005). Esta tem vindo a ganhar cada vez mais importância no quotidiano das pessoas, “é o refúgio que nos protege do exterior, da inclemência do tempo e dos agentes naturais, mas também do mundano e do superficial, dessa exterioridade sempre concebida como nociva.” (Ábalos, 2003, p. 56). Quando somos absolvidos do nosso dever social, é no lar que recuperamos a nossa identidade, é o conteúdo da



15.

Arquitectos: Paula Santos Arquitectura
Localização: Ovar, Portugal



16.

Corallo House
Empresa: Paz Arquitectura
Localização: Guatemala

habitação, é o nosso conteúdo, dentro dela acolhemos a qualidade de interioridade que funciona como um complemento ao mais íntimo do nosso ser (Norberg-Schulz, 1984). “É a fuga da ágora, do público; é o lugar do ‘autêntico’, onde a penetração das manifestações da exterioridade supõe uma dilaceração, um obscurecimento da autenticidade.” (Ábalos, 2003, p.52) É essencial compreender que o espaço de carácter fixo constitui o molde que afeiçoa uma boa parte do comportamento humano (T.Hall, 1986).



17.

Casa V4 / Studio MK27

Arquitectos: Marcio Kogan e Renata Furlanetto |2012|

Designer Interiores: Diana Radomysler

Localização: São Paulo, Brazil



18.

Casa V4 / Studio MK27

Arquitectos: Marcio Kogan e Renata Furlanetto |2012|

Designer Interiores: Diana Radomysler

Localização: São Paulo, Brazil

“A habitação tem a marca do seu habitante, a habitação transforma-se num escudo.” (Teysot, 1987, p.9, tradução livre).

Para esta sensação de protecção no ambiente do nosso lar, o homem precisa de organizar o espaço que o cerca, criando formas, espaços, ambientes, ou seja, marcos para uma capacidade e possibilidade de um melhor aproveitamento desse mesmo espaço (Távora, 1999). A disposição dos diversos espaços internos transforma-se, assim, num jogo sábio entre volumes e pátios, planos opacos e recortes vazios, que dissolvem o volume da habitação na morfologia preexistente (Milano, 2005).

Assim, propõe-se e idealiza-se que “a habitação não deva simplesmente mostrar as qualidades atmosféricas do ambiente mas que também deva expressar o carácter das actividades que ocorrem no seu interior.” (Norberg-Schulz, 1984, p. 102, tradução livre). É a união em perspectiva de interior e exterior e a consequente ambiguidade que intensificam a percepção de acesso espacial e de intimidade (Hertzberger, 1999).

A organização geral da planta deve garantir uma boa acessibilidade não só ao morador, mas também ao visitante (Arredi, 1997).

No núcleo da habitação em causa, o espaço de circulação integra uma nova distribuição espacial e um tratamento eficaz, desarticulando, de uma maneira rítmica, com a aparição de diferentes espaços, reinventando uma sequência contínua, cheia de surpresas visuais, uma sintaxe que implica uma experiência de instabilidade, mas, ao mesmo tempo, de agrado, uma incerteza calculada, com um sentimento de transitoriedade (Broto & Minguet, 2003b). Devemos assim procurar sempre o equilíbrio entre visão e reclusão, ou seja, encontrar uma organização espacial que torne qualquer um, em qualquer situação, capaz de escolher a sua posição em relação aos outros. Neste caso, o conceito de combinação recebeu inevitavelmente, devido às características do espaço, mais atenção do que o de divisão e houve maior ênfase na unificação do que na separação. A abertura dos diversos lugares é tão fundamental quanto a sua separação, os dois complementam-se, de modo que fechamento e abertura só existem graças um ao outro, eles relacionam-se dialecticamente (Hertzberger, 1999).

Este conceito de espacialidade da habitação, baseada no equilíbrio entre delicadeza e variedade dos seus elementos e a dinâmica das suas relações, define o homem de hoje em dia (Cornoldi, 1999).

Para Le Corbusier, um dos mais importantes arquitectos do século XX, o seu último objectivo foi permitir que o homem, a natureza e a máquina coexistissem num estado de equilíbrio (Darling, 2000). Conceber uma habitação nestes termos supõe que a casa seja o resultado de uma operação de agregação (Monteys & Fuertes, 2001).

“O que considero o primeiro e maior segredo da arquitectura, é que consegue juntar as coisas do mundo, os materiais do mundo e criar um espaço.” (Zumthor, 2006, p.23, tradução livre).

Uma projecção funcional, um ambiente rico de sensibilidade e uma assimilação no que diz respeito aos métodos de construção permitem a realização das qualidades desejadas da domesticidade (Arredi, 1997).

“A casa é, desde meados do século passado, cada vez mais generalizadamente um conjunto de espaços funcionalmente definidos e especializados, que todos reconhecem pelas suas dimensões, atributos e qualidades ambientais, interacções e topologia.” (Milano, 2005, p.57).



19.

Box House

Empresa: Peter Gluck and Partners

Localização: Nova Iorque



20.

Designer: Jouin Manku

Empresa: YTL Design Group

A primeira consideração de importância decisiva ao projectar um espaço é determinar qual será a sua função e, consequentemente, qual será o tamanho adequado, questões por vezes desvalorizadas. Que dimensões dar a um espaço é sempre uma questão de avaliar a distância e a proximidade exigida entre as pessoas, dependendo da situação e do objectivo do espaço. É um ponto fulcral haver um equilíbrio certo entre distância e proximidade (Hertzberger, 1999). Considerando que a identidade de um habitante é multiforme e articulada, privilegia-se uma dimensão privada, íntima e fechada, e outra pública e aberta. Enquanto a privada deve proteger-se com a intimidade, a pública, pelo contrário, deve exhibir, mostrar e propor actividades, existindo assim uma relação dialéctica contínua entre estas duas identidades (Milano, 2005).

Um 'ninho seguro' – um espaço conhecido à nossa volta, onde sabemos que os nossos pertences estão seguros e onde nos podemos concentrar sem sermos perturbados pelos outros – é algo de que cada indivíduo necessita tanto quanto grupo. Sem isso, não pode haver colaboração com os outros. Não pode haver aventura sem uma base para onde retornar: todas as pessoas precisam de alguma espécie de ninho para pousar. (Hertzberger, 1999, p. 44)

A casa é um ponto estável que transforma um ambiente num lugar de habitação, o seu interior é finalmente a 'casa', é lá que temos os objectos com que nos identificamos, com que vivemos, é lá o nosso mundo (Norberg-Schulz, 1984).

Contudo, a sua importância não se deve tanto à sua linguagem, caracterizada por soluções de fachada particularmente interessantes e originais, mas à introdução de uma nova e diferente noção de espaço interior, projectado em função do movimento e dos percursos dos seus utilizadores (Milano, 2005).

A disposição dos espaços aspira, como principal objectivo, à flexibilidade, um dos pontos fulcrais na concepção desta habitação. Os espaços vão evoluindo segundo as necessidades que surgem (Asensio, 2001). Em tudo o que formos construir, devemos tentar não só ir ao encontro das exigências da função no sentido estrito, mas também fazer com que o objecto construído possa cumprir mais de um propósito, que possa representar tantos papéis quanto possível, em benefício dos diversos usuários individuais (Hertzberger, 1999). Assim sendo, a vivenda configura-se como um sistema de espaços, que poderão ser muitos ou poucos, neste caso existindo uma grande diversidade dos mesmos, mas alguns sendo necessários e religiosamente empregues em todas as habitações (Cornoldi, 1999).

Todavia, as transformações sociais provocam mudanças nos programas domésticos, já que as necessidades e apetências dos usuários também se renovam. Esta habitação vai ao encontro da satisfação destas necessidades, caracterizando-se assim como uma vivenda de planta livre, aberta e flexível, com a inclusão de uma zona de trabalho, de uma zona de leitura, de uma zona de lazer e divertimento, de um espaço lúdico, por assim dizer. Este projecto foi concebido como um grande espaço para viver, trabalhar e, fundamentalmente, um apelo às relações sociais, ou seja, um habitáculo neutro (Asensio, 2001).

Os conceitos de público e privado podem ser interpretados como a tradução, em termos espaciais, de colectivo e individual, sendo sempre uma questão de pessoas e grupos em inter-relação e compromisso mútuo, sendo sempre uma questão de colectividade e indivíduo, um face ao outro (Hertzberger, 1999). "Temos grandes progressos a realizar na concepção que fazemos dos espaços interiores para evitar que as pessoas se incomodem mutuamente." (T. Hall, 1986, p.68)

Foram utilizados os princípios elementares da organização espacial, sendo possível introduzir muitas gradações de abertura e isolamento. O grau de isolamento, como o grau de abertura, deve ser cuidadosamente dosado, para que sejam criadas as condições para uma grande variedade de contactos, podendo haver a alternativa de como querem co-



21.

Designer: Zaha Hadid

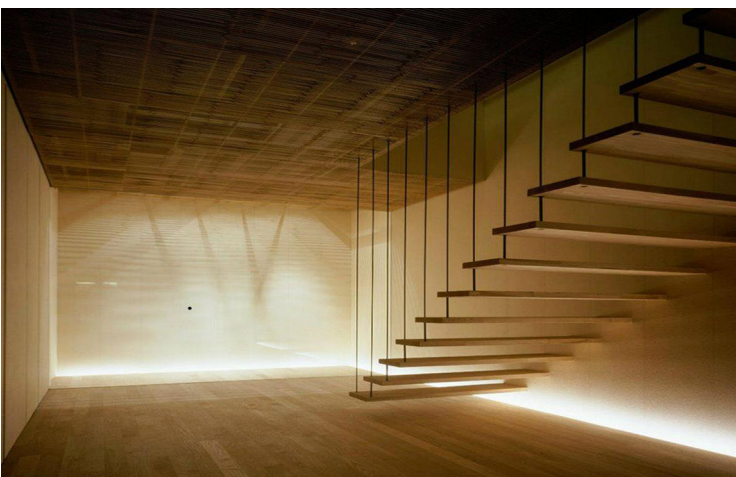


22.

Casa de Antero de Quental

Designer: Manuel Maia Gomes

Localização: Vila do Conde, Portugal



23.

Hotel Ginza Fujiya

Designer: Kengo Kuma

locar-se diante dos outros. Também a individualidade de todos deve naturalmente ser o mais respeitada possível, devendo zelar para que o ambiente construído não imponha o contacto social nem a ausência deste (Hertzberger, 1999).

“Preciosos espaços de mediação entre áreas dedicadas a actividades opostas, divisões dentro de reais divisões originam um refúgio, onde irá aumentar a lembrança dos momentos especiais da vida doméstica” (Cornoldi, 1999, p. 38).

O desenho do espaço interior baseou-se numa concepção de vida consistente em cruzar diferentes espaços heterogéneos (Asensio, 2001). Quanto mais rica for a variedade oferecida, maior será a capacidade da casa para corresponder aos mais ricos e variados desejos de seus moradores (Hertzberger, 1999).

A ideia mais actual de vida doméstica é a de um conjunto complexo de momentos individuais diferenciados, integrados numa ampla série de momentos de encontro, embora mais diferenciados segundo os diversos graus de relação (Cornoldi, 1999).

Percepcionando a existência de um espaço lúdico, inserido na habitação, espaços estes conhecidos pela sua postura glamourosa e exibicionista sendo esta postura que, sem dúvida contribuiu decisivamente para que se concebesssem espaços vazios como lugares em que, de facto, não apenas se verificava uma libertação lúdica das formas criativas, mas também podendo-se organizar uma forma de vida sensual e festiva. (Ábalos, 2003, p. 128)

Este conceito de capacidade de demarcação ou ‘qualidade de lugar’ diz respeito à capacidade variável de um espaço de ser convidativo para grupos maiores ou menores, dependendo das suas proporções e da sua forma. Isto parece estar baseado no equilíbrio exacto entre fechamento e abertura, intimidade e exterioridade, que assegura a existência de focos suficientes, nos vários lugares, para que as pessoas se possam envolver, a ponto de compreenderem que estão juntas num grande todo espacial (Hertzberger, 1999).

É também importante criar um certo vaguear livre, não conduzir, mas seduzir, assemelhando-se um pouco a uma encenação. “Por vezes, é melhor e faz mais sentido criar um espaço que nos transmita calma, serenidade e onde possamos simplesmente existir.” (Zumthor, 2006, p. 45).

A organização espacial desse mesmo espaço requer uma atenção e abordagem redobradas, percebendo que

a interacção entre o mundo dos nossos corpos e o mundo das nossas habitações está sempre em fluxo, formamos espaços que constituem uma expressão das nossas experiências perceptivas, mesmo quando tais experiências são criadas pelos locais que já existem. Estejamos nós conscientes ou não deste processo, os nossos corpos e o nosso movimento estão em constante interacção com as nossas habitações. (Moore & Yudell, 1977, p. 132, tradução livre)

Em consequência dos espaços interiores e da ligação que estes reflectem com o exterior, sintetizamos a unidade espacial interior/exterior, ou seja, o sentido do espaço em relação à sua continuidade com os exteriores, implicando, na habitação em estudo, algo mais do que a inclusão de grandes superfícies envidraçadas, abundantes neste projecto. Embora a expressão da relatividade dos conceitos de interior e exterior seja, antes de tudo, uma questão de organização espacial, o facto de uma área tender para uma atmosfera mais parecida com a de um interior depende especialmente da qualidade de um espaço. Além disso, se as pessoas reconhecerão a área em questão como interior ou exterior, ou como alguma forma intermediária, depende em grande parte das dimensões, da forma e da escolha dos materiais (Hertzberger, 1999).

O espaço desta habitação caracteriza-se por uma contextualização e integração orgânica da configuração morfológica do sítio, demonstrando uma grande sensibilidade pelas questões paisagísticas e pela relação interior/exterior (Milano, 2005). No homem, o sentimento do espaço está ligado ao sentimento do Eu, que está, por sua vez, em relação íntima



24.

Hotel Puert America

Designer: Jean Novel, Norman Foster, Ron Arad, entre outros

Localização: Madrid

com o ambiente. Deste modo, certos aspectos da personalidade, ligados à actividade visual, táctil, térmica, podem ver o seu desenvolvimento inibido ou, pelo contrário, estimulado pelo meio ambiente (T. Hall, 1986).

O espaço é entendido no seu carácter psicológico, estético e funcional e projectado a partir de imperativos determinados pelo uso, pelas suas funções, pelos percursos, pelas posturas e pela sequência dos movimentos efectuados pelo potencial utente (Milano, 2005).

Um elemento transversal, como uma janela de grandes dimensões, terá poucas possibilidades em aumentar a fluidez espacial de um ambiente, se for concebida apenas como um simples 'buraco na parede'. Estas superfícies envidraçadas significam um meio e não um fim em si próprias; para estabelecer uma continuidade entre os interiores e os exteriores, devem projectar-se superfícies capazes de conduzir o olhar mais para além das aberturas (Luís Moia, 1981). A enorme fachada envidraçada presente nesta habitação, para além da relação e continuidade que nos dá com o exterior, assegura-nos a participação da luz solar na actividade quotidiana, aperfeiçoando-se com a iluminação artificial (Asensio, 2001).

A horizontalidade, característica desse mesmo espaço, criada e enfatizada mediante as diversas linhas visuais que tendem para o exterior, vê-se realçada pelos diferentes materiais (Broto & Minguet, 2003b). "Mas o mais belo é quando as coisas se encontram, quando se harmonizam e formam um todo" (Zumthor, 2006, p.69), não existindo assim uma fronteira entre o interior e o exterior (Ferrara & Smith, 2003).

A horizontalidade numa habitação é uma afirmação do sujeito como protagonista, devendo este expandir-se pela casa, definir o seu ambiente, a ponto de polarizar as suas técnicas construtivas, a ponto de se apoderar do meio envolvente (Ábalos, 2003).

A relação com os exteriores é limitada exclusivamente pela necessidade de intimidade da família, em relação à rua e aos vizinhos (Luís Moia, 1981).

Por ser um espaço polivalente, onde as fronteiras entre os diferentes usos se diluem, não se tratou de diferenciar entre as actividades públicas e privadas. A flexibilidade que rege a vivenda permite levar a cabo múltiplas actividades (Asensio, 2001).

Na casa o homem familiariza-se com o imediatismo do mundo, não necessita escolher um caminho e encontrar um objectivo, em casa e no seu entorno o mundo é-lhe dado com natureza. Podemos assim dizer que a casa é o posto em que tem lugar o quotidiano. O quotidiano representa a continuidade da existência e o apoio ao terreno familiar. (Norberg-Schulz, 1984, p.89).

A importância da luz

A luz é um importante elemento no desenho arquitectónico. Numa relação de encontros e desencontros, a iluminação aparece como uma nova dimensão.

É ela que nos faz conhecer o espaço através de percepções e emoções, é ela que na sua constante transformação reelege todo o seu esplendor aos traços que a suportam proporcionando qualidade à construção. É de facto na luz, a essência superior da arquitectura, e na sua inteligência reveladora que reside o selo temporal do projecto. (Monteiro, 2010/2011, p.5)

A luz determina a percepção da arquitectura, permitindo-nos avaliar e observar os detalhes e características do espaço, ou seja, o seu tamanho, as suas formas geométricas e as suas cores. Uma correcta iluminação do espaço intensifica o impacto poético e emocional de um projecto (Vérges, 2007).

A luz é um instrumento de visualização de espaços que nos rodeiam. Podemos dizer que a luz é informação, uma tradução do espaço em nosso redor e o seu controlo é fundamental (Monteiro, 2010/2011).

É a luz que nos permite ver, é ela que nos estimula, informa e nos emociona. Não pode haver nenhuma forma visual, sem luz. Ela condiciona a forma como vemos o nosso mundo e a forma como nos sentimos. A luz provém de várias fontes e está em constante mudança, do amanhecer ao anoitecer, de época para época, entre outras variantes, fazendo-nos perceber e responder de maneiras distintas (Major, Speirs & Tischhauser, 2005).

A contemporaneidade assume-se com um conjunto de materiais, técnicas e tecnologias, que permitem fazer da iluminação um jogo expressivo de cores, movimentos e sensações que compõem ambientes, que muito marcam o nosso tempo. A arquitectura 'nasce e vive' com essas cores, movimentos e sensações, num gesto quase intuitivo de a conceber com luz. No objecto arquitectónico, a iluminação 'entranha-se' sem se ver, mas é ela que revela e lhe dá expressão, numa simbiose vital (Azevedo, 2010).

A luz revela superfície, forma e cor, informando a nossa percepção individual do mundo e fornecendo-nos uma linguagem comum. É parte integrante da arquitectura, que revela a função da beleza e da forma. Ela define a imagem, a cor e a textura da construção (Major et al., 2005).

Luz Artificial e Luz Natural

Há duas fontes de luz na arquitectura: a natural e a artificial. A luz natural é fornecida pelo sol e é imprevisível, não podendo ser facilmente controlada e tendo de construir o nosso ambiente em torno dela. A luz artificial evoluiu como uma resposta tecnológica para a necessidade de iluminar o nosso mundo depois do pôr-do-sol, podendo também criá-la e controlá-la, em qualquer circunstância, permitindo-nos projectar tanto as fontes como os sujeitos (Major et al., 2005).

Denote-se que o equilíbrio das superfícies escolhidas e os elementos iluminados que, juntos, nos revelam as formas, texturas, cores, ritmos, materiais, formam o mundo à nossa volta. É o contraste equilibrado

de todas as superfícies dentro do nosso campo visual.

Praticamente qualquer espaço habitado durante o dia e noite deveria ter duas soluções de iluminação – uma para o dia e outra para a noite. Temos necessidades diferentes durante o dia e a noite. Durante o dia há tanta luz que perdemos muitos pormenores que à noite são revelados pelo romantismo que este nos oferece. Quando iluminada deficientemente, a noite transforma-se em dia e o romantismo desaparece. (Ek Lopes, 2010/2011, p.30)

Durante muitos anos, a iluminação artificial das habitações era limitada para resolver apenas questões de segurança e funcionalidade, sendo o objectivo garantir luz suficiente para realizar qualquer actividade, sem ter em conta factores importantes, tais como o conforto psicológico e a fadiga visual (Vérges, 2007). Existe uma necessidade fugaz de uma evolução da arquitectura, estando intrinsecamente ligada com o desenvolvimento da iluminação artificial como fontes alternativas de luz no nosso mundo. No entanto, poucos arquitectos mencionam o papel que a luz reflecte nas suas construções (Major et al., 2005).

De um modo inconsciente, a luz tem grande impacto sobre os seres humanos (Vérges, 2007), daí a importância da escolha de luzes e lâmpadas, bem como a distribuição e agrupamento das mesmas, controlando diversas situações e o equilíbrio de contrastes entre luz e sombras são escolhas subjectivas que dão origem a múltiplas situações visuais, sendo pontos determinantes para a concepção de um bom projecto (Bianchi, 1991).

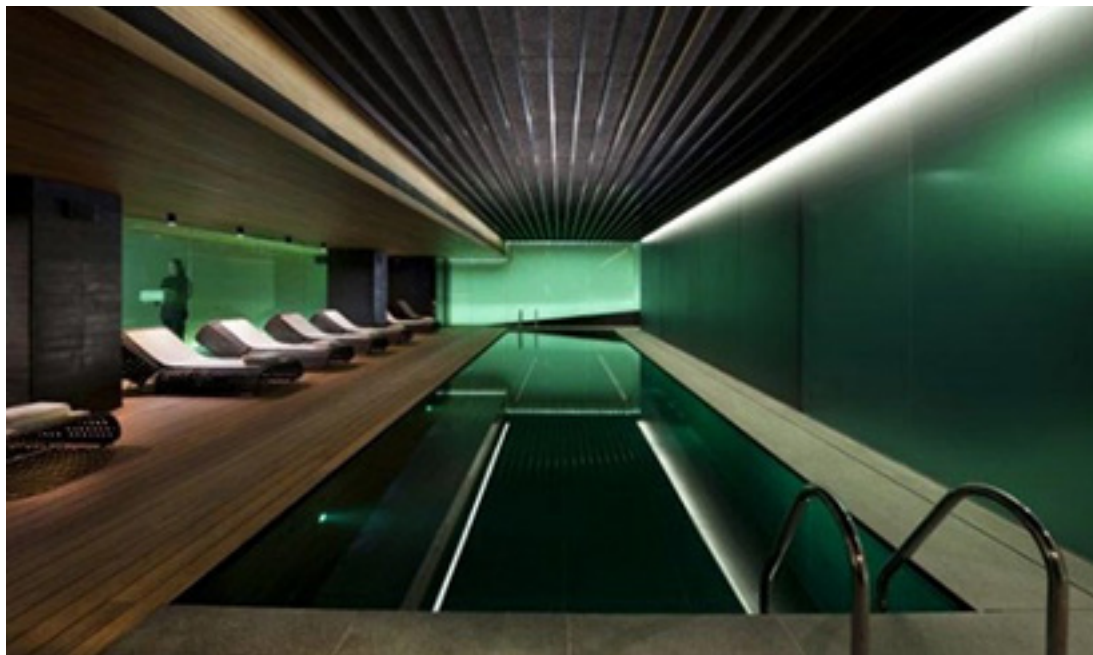
A visão, por sua própria natureza, é um produto de luz. É o resultado da criação da luz, o reflexo da luz e, finalmente, a absorção da luz pelo nosso sistema visual. A lógica dita que, posteriormente, se queremos ter o máximo controlo do ambiente projectado, devemos tornar íntimos da luz e aprender a torná-la nosso aliado na tradução de design e da construção de um projecto de iluminação. (Rusell, 2008, p. 23, tradução livre)

A iluminação artificial, parte integrante e essencial de qualquer espaço interior, tanto para o realce de um objecto, parede ou mobiliário, mas também como um todo, nunca deve ser pensada à posteriori, a execução de um estudo e levantamento sobre o espaço é essencial, pensar se este necessita de iluminação, como deverá ser iluminado e que tipo de iluminação será adequado são etapas a serem cumpridas (Morgan, 2008).

A luz natural, que sempre desempenhou um papel fulcral na história da arquitectura, não necessitando de avanços tecnológicos como a artificial, sendo esta caracterizada pela sua variação constante, tanto ao longo dos dias, como também nas diferentes estações do ano, remete-nos assim para uma série de sensações. É utilizada sobretudo para transmitir um aumento de espacialidade interior de edifícios e habitações, de modo a atingir a atmosfera desejada (Vergés, 2007).

A ampla fachada envidraçada que percorre grande parte da casa enriquece os espaços, do ponto de vista estético, ao permitir a entrada, em abundância, de luz natural (Monteiro, 2010/2011, p.21).

Na cultura moderna, a luz é considerada a origem de toda a vida e a exaltação do divino e sagrado, com a intenção de criar a consciência de que a luz é mais que uma mera fonte de luminosidade (Turrel, 2009). “A luz natural tem sido e sempre será um elemento fascinante e misterioso.” (Vérges, 2007, p.16, tradução livre).



25.

Mandarin Oriental Barcelona

Arquitecto: Carlos Fernater [2009]

Designer: Patricia Urquiola

Localização: Espanha



26.

SPA Design

Designer: Pether Zumthor

Localização: Suíça

Posteriormente à iluminação, defrontamo-nos com a cor, um dos elementos mais poderosos dos interiores actuais; a cor é memorável e, acima de tudo, pessoal; com a cor, pode mudar-se o aspecto e a vibração de qualquer espaço (Aves & Melanie, 1994). Por vezes, a sua importância e a sua relevância são subestimadas, mas esta possui uma grande influência sobre o aspecto final dos espaços e também sobre a forma como as pessoas o percebem, podendo até mesmo afectar os sentimentos e capacidade de concentração (Vergés, 2007).

Nas cores, existe uma silenciosa influência que explica a preferência ou o desagrado com que somos acolhidos pelas nossas emoções. Cada uma delas tem uma expressão definida de sensação. As cores quentes excitam, animam, alegram e estimulam; as frias deprimem e têm qualidades de repouso, passividade e silêncio (Bonet, 1952).

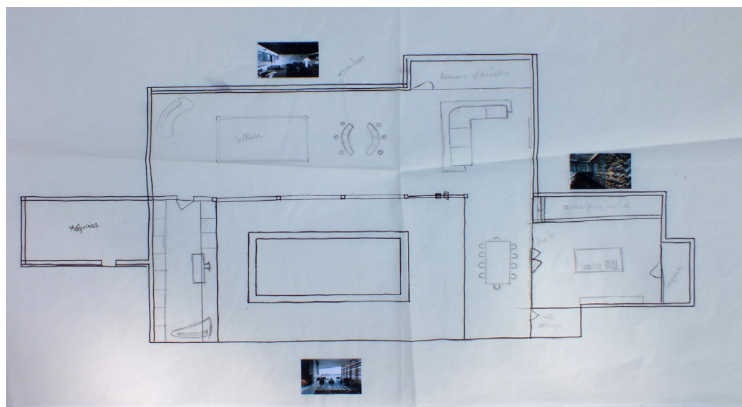
“A cor é um elemento, ainda não compreendido, é um mecanismo que atua sobre os seres humanos e pode causar sentimentos de optimismo ou depressão, actividade ou passividade.” (Jiménez, 1999, p.39, tradução livre)

A harmonia das cores é um factor essencial em todas as artes e especialmente naquelas que intervêm na vida diária, como é o caso da decoração: tecidos, madeiras, vidros, cerâmicas, etc. (Bonet, 1952).

Subestimar a importância da cor é um erro comum na arquitectura. Esta tem uma grande influência sobre a aparência final dos espaços e também sobre a forma como as pessoas o percebem. A cor pode afectar os sentimentos, a concentração e até mesmo a saúde (Vergés, 2007). “A cor tem um efeito profundo sobre o nosso humor. No vestuário, interiores, paisagismo e até mesmo a luz natural, uma cor pode mudar o humor de triste para alegre, da confusão à inteligência, do medo à confiança.” (Aves & Melanie, 1994, p.120)

Não existe nenhuma cor feia. Todas as cores são bonitas se se usarem adequadamente, na sua proporção adequada de cor, valor e intensidade, e se a sua disposição, como a linha e a forma, estiver ordenada por factores de equilíbrio, proporção e ritmo. O ritmo cromático é análogo ao do soneto na poesia e intervêm na disposição, para levar o olho comodamente e, por sucessão ordenada, de uma cor a outra. Uma combinação rítmica é aquela na qual as cores ou valores se repetem com sentido de equilíbrio e variedade harmoniosa (Bonet, 1952).

Posto isto, é habitual iniciar a projecção de cada projecto desenvolvendo planos de cor e elevações que exploram a forma, o ritmo, o humor e o carácter do ambiente. A cor tem um efeito profundo não só nos interiores, mas também no nosso quotidiano (Aves & Melanie, 1994).

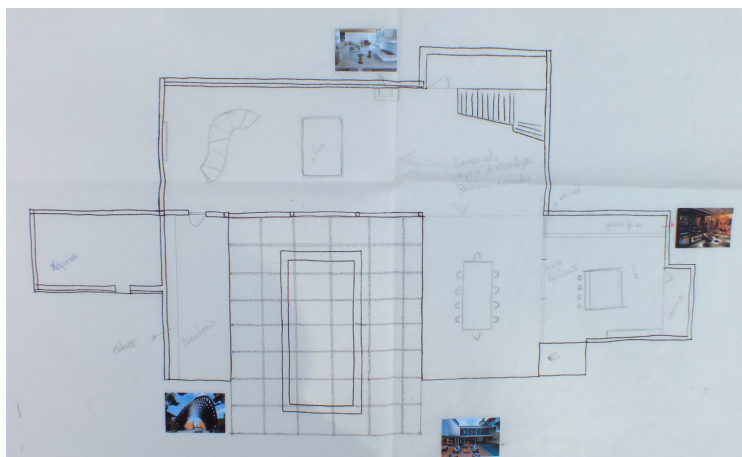


27.

Esquisso: 1

Piso: 1

Distribuição espacial

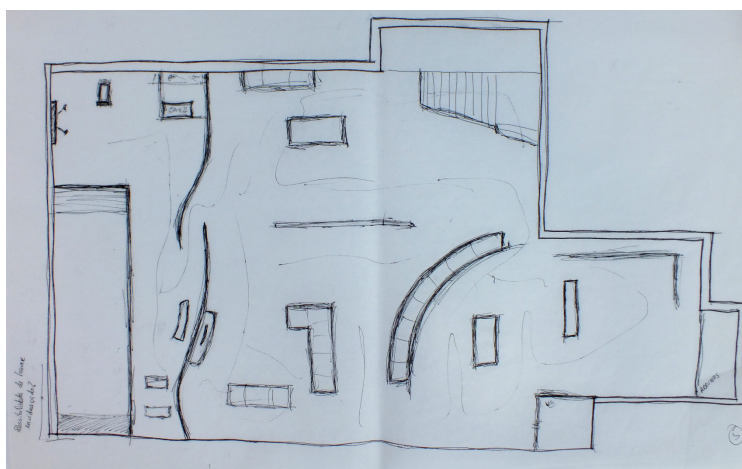


28.

Esquisso: 2

Piso: 1

Distribuição espacial

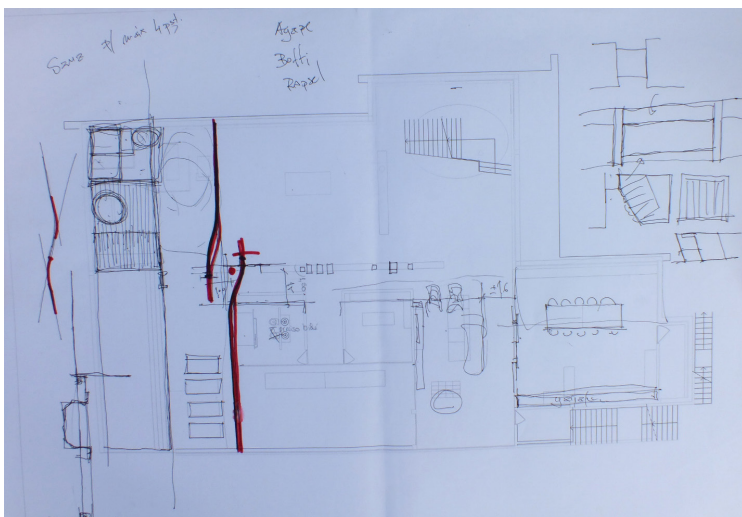


29.

Esquisso: 3

Piso: 1

Distribuição espacial



30.

Esquisso: 4

Piso: 1

Distribuição espacial

Casa: espaço e enquadramento

A casa sintetiza abstracção, regularidade volumétrica e complexidade de relações na globalidade do espaço (Milano, 2005). A modulação da planta permite que a distribuição da habitação seja clara e ordenada e a simplicidade dos acabamentos permite que o conjunto se erga sóbrio e elegante. Ainda que sendo uma construção marcadamente geométrica, não destoia no entorno natural que a acolhe (Asensio, 2001).

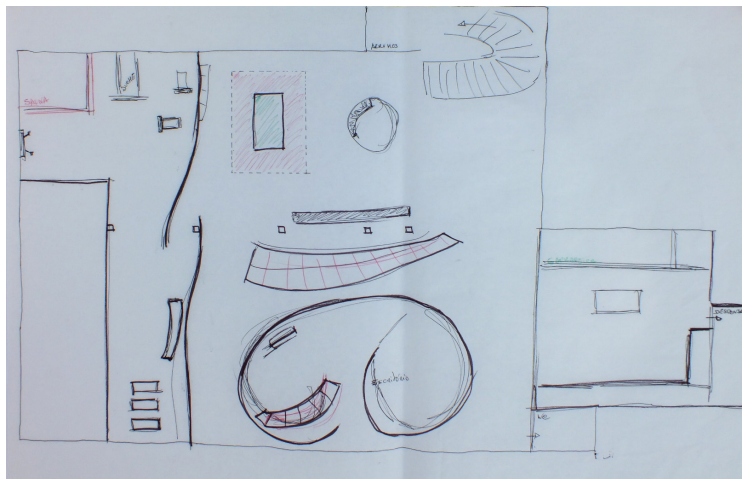
Diante de nós, abre-se um grande jardim, que é tanto uma extensão da casa, quanto uma representação da natureza. Isolado por muros altos, o que ali existe já não é a natureza em estado puro, mas uma representação artificial do mundo. Neste espaço, podemos distinguir somente algumas árvores, arbustos, as quais realçam a horizontalidade da habitação (Ábalos, 2003).

Ao ciclo do dia sucede a noite, e assim sucessivamente, num espectáculo iterativo, preparado por esta cenografia em que o céu e o jardim, a natureza, aparecem como uma metáfora do tempo cíclico, e a grande fachada envidraçada, como um excepcional diorama para a sua contemplação. (Ábalos, 2003, p. 26)

A área do piso superior foi pensada como uma zona mais íntima e privada, com espaços funcionais separados entre si, sendo o wc de serviço uma das peças fundamentais. Outro dos elementos desenhados especificamente para o projecto foi a escada. O seu tratamento homogéneo converte-a num elemento escultórico funcional e, ao mesmo tempo, esteticamente representativo, assim como, o escritório que poderá ser visto desde distintos pontos da vivenda e, ao mesmo tempo, estar suficientemente isolado para não interferir noutras actividades simultâneas (Asensio, 2001).

Indiferentes a se o resultado é mera simplicidade ou complexidade, devemos sempre buscar a forma com a articulação de referências mais rica, para que seja oferecido o máximo de possibilidades e experiências. A expansão do espaço arquitectónico, ao longo do séc. XX, significou revelar mais do que há para ver, por meio da escolha dos materiais e da maneira de organizá-los. A complexidade da tarefa representa várias realidades simultaneamente e todas essas realidades devem ser acomodadas como aspectos dentro da planta (Hertzberger, 1999).

“Quanto mais níveis de experiência, forem levados em conta em nosso projecto, mais associações podem ser feitas, e, portanto, maior será a gama de experiências para diferentes pessoas em situações diferentes, cada uma com suas próprias percepções.” (Hertzberger, 1999, p. 236).

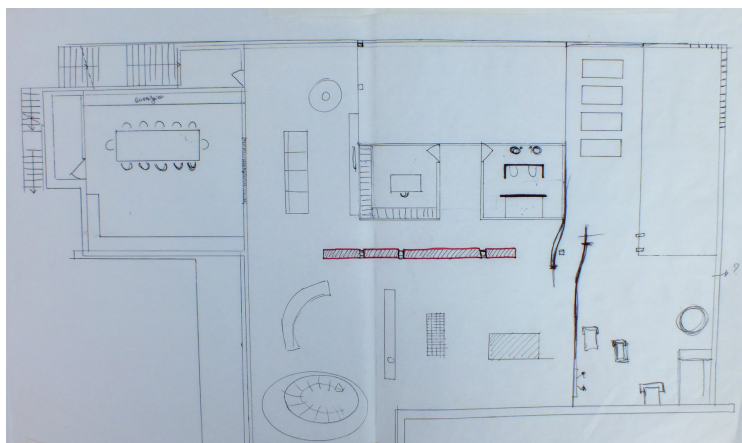


31.

Esquisso: 5

Piso: 1

Distribuição espacial

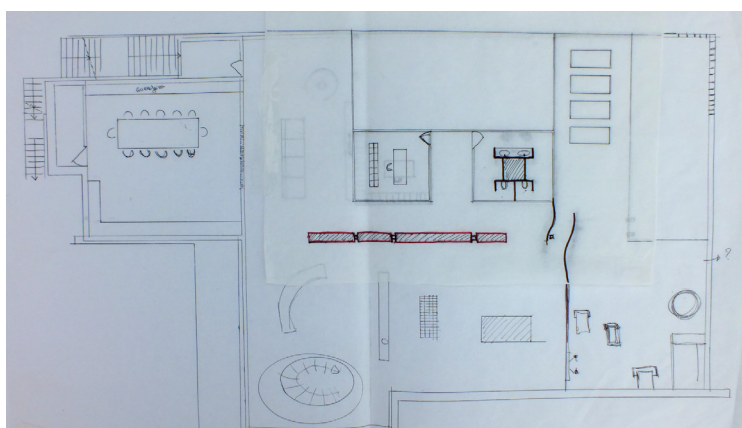


32.

Esquisso: 6

Piso: 1

Distribuição espacial

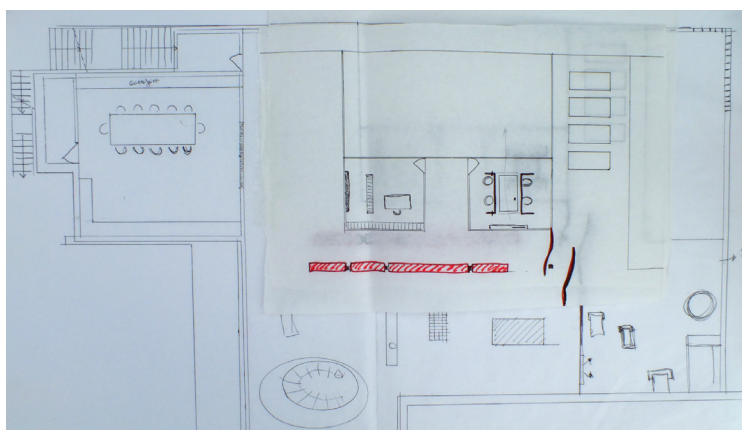


33.

Esquisso: 7

Piso: 1

Distribuição espacial

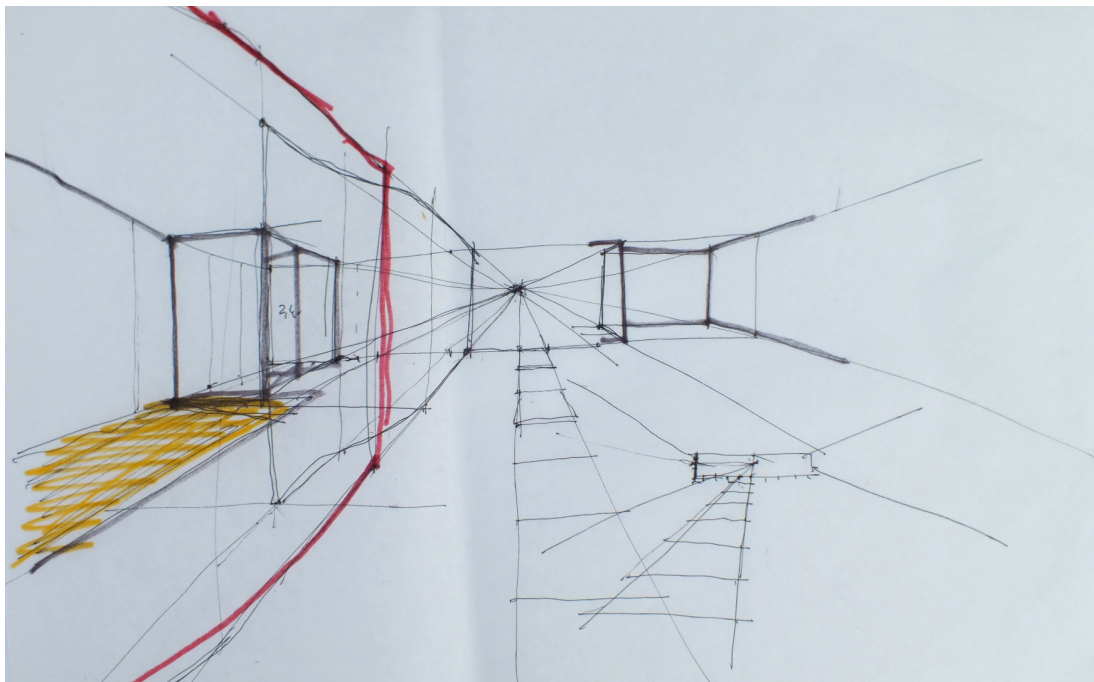


34.

Esquisso: 8

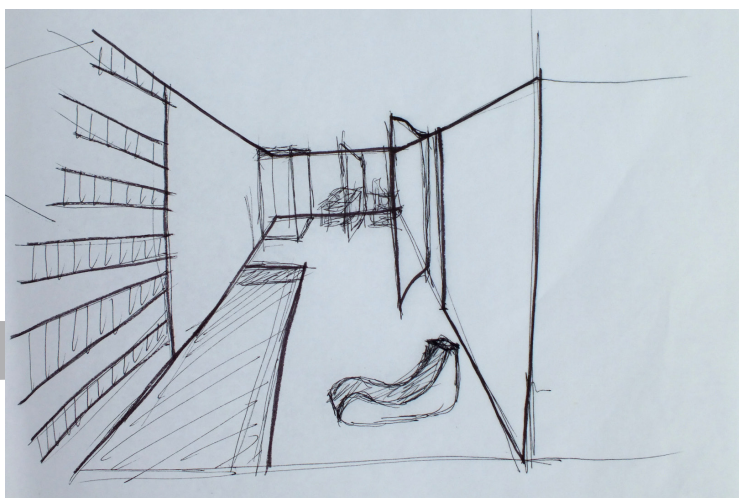
Piso: 1

Distribuição espacial



35.

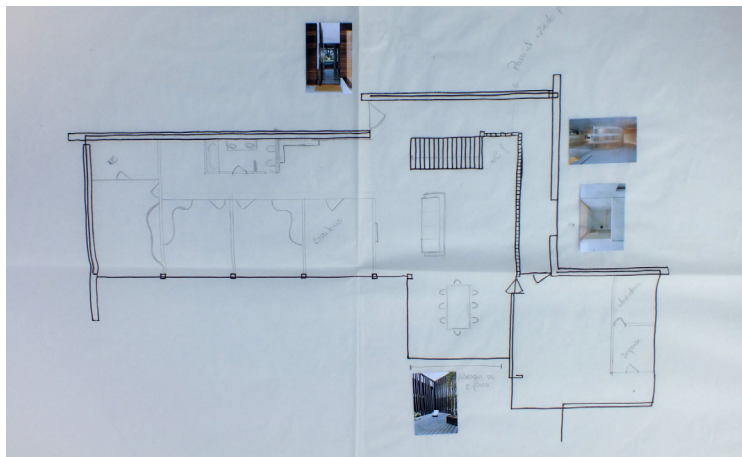
Esquisso: 9
Piso: 1
Zona piscina



36.

Esquisso: 10
Piso: 1
Zona piscina

Procura de uma abordagem do espaço “piscina”.
Necessidade de reaproveitamento do espaço.

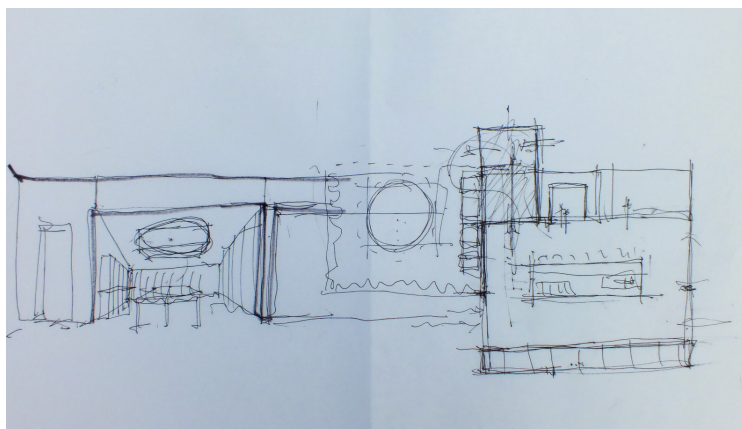


37.

Esquisso: 11

Piso: 2

Distribuição espacial

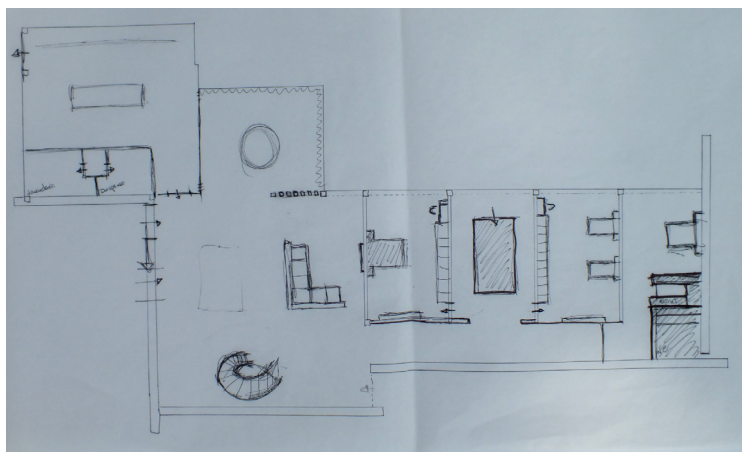


38.

Esquisso: 12

Piso: 2

Distribuição espacial

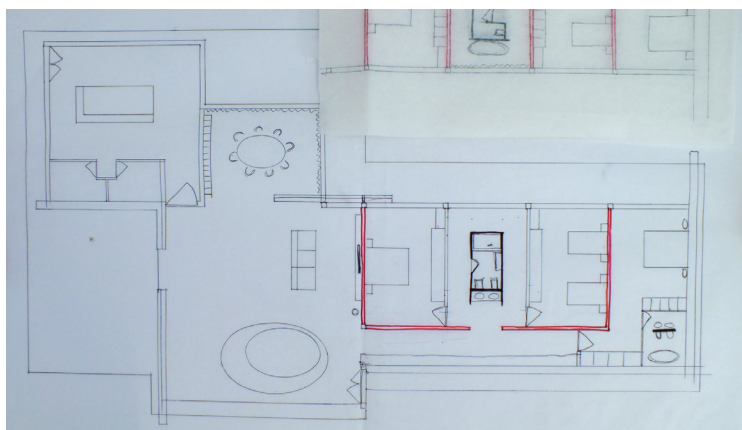


39.

Esquisso: 13

Piso: 2

Distribuição espacial



40.

Esquisso: 14

Piso: 2

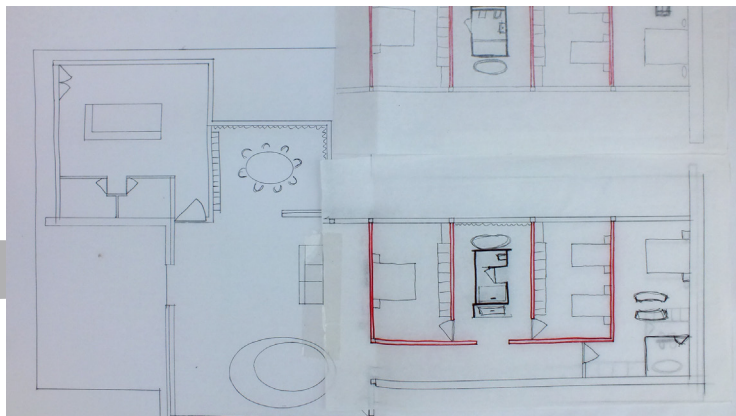
Distribuição espacial

41.

Esquisso: 15

Piso: 2

Distribuição espacial

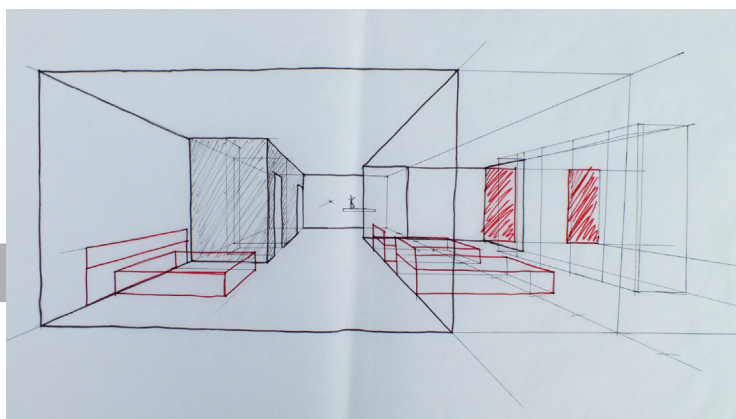


42.

Esquisso: 16

Piso: 2

Quartos

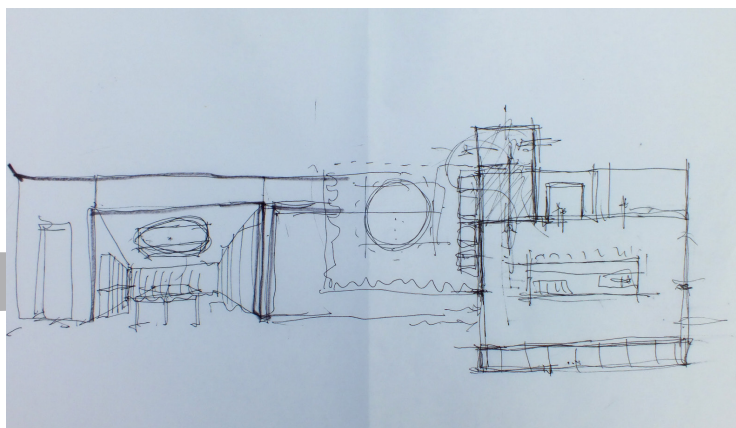


43.

Esquisso: 17

Piso: 2

Sala de Jantar

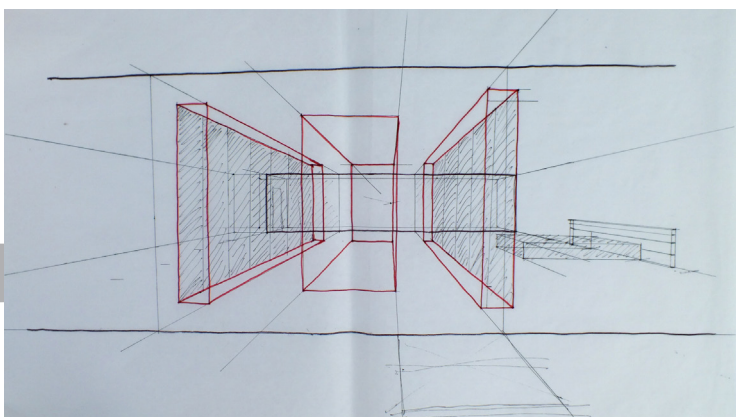


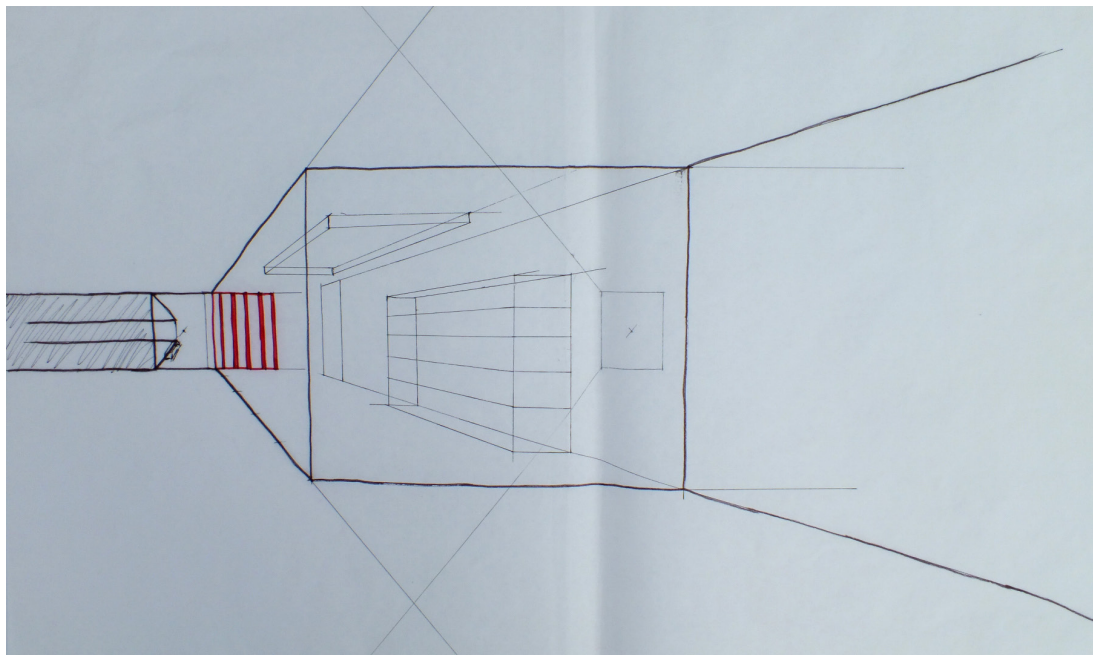
44.

Esquisso: 18

Piso: 2

WC



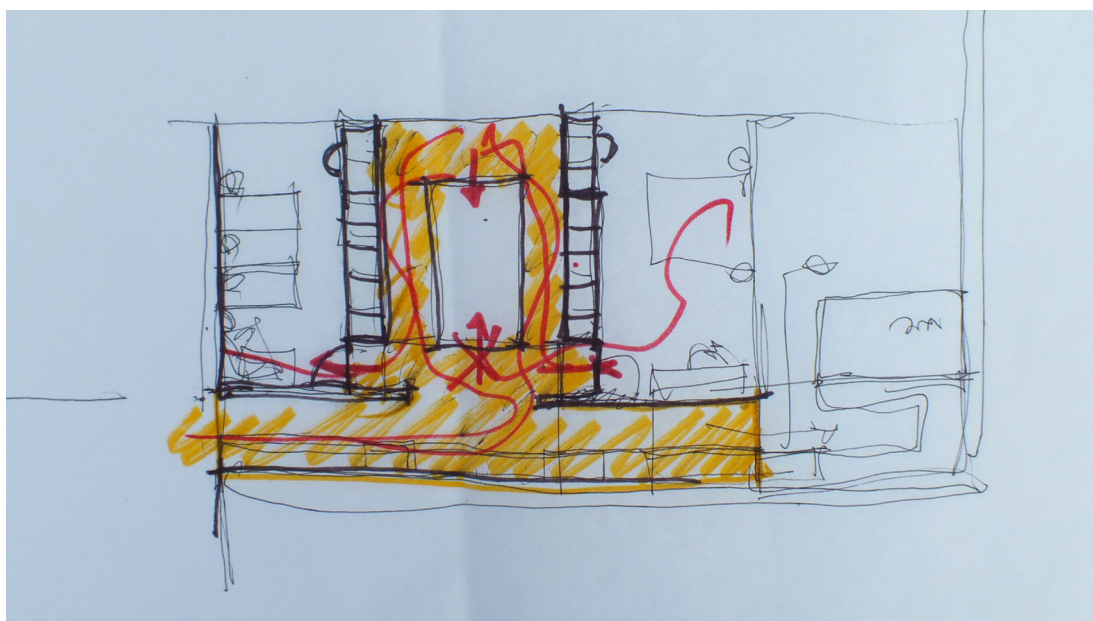


45.

Esquisso: 19

Piso: 2

Sala de jantar



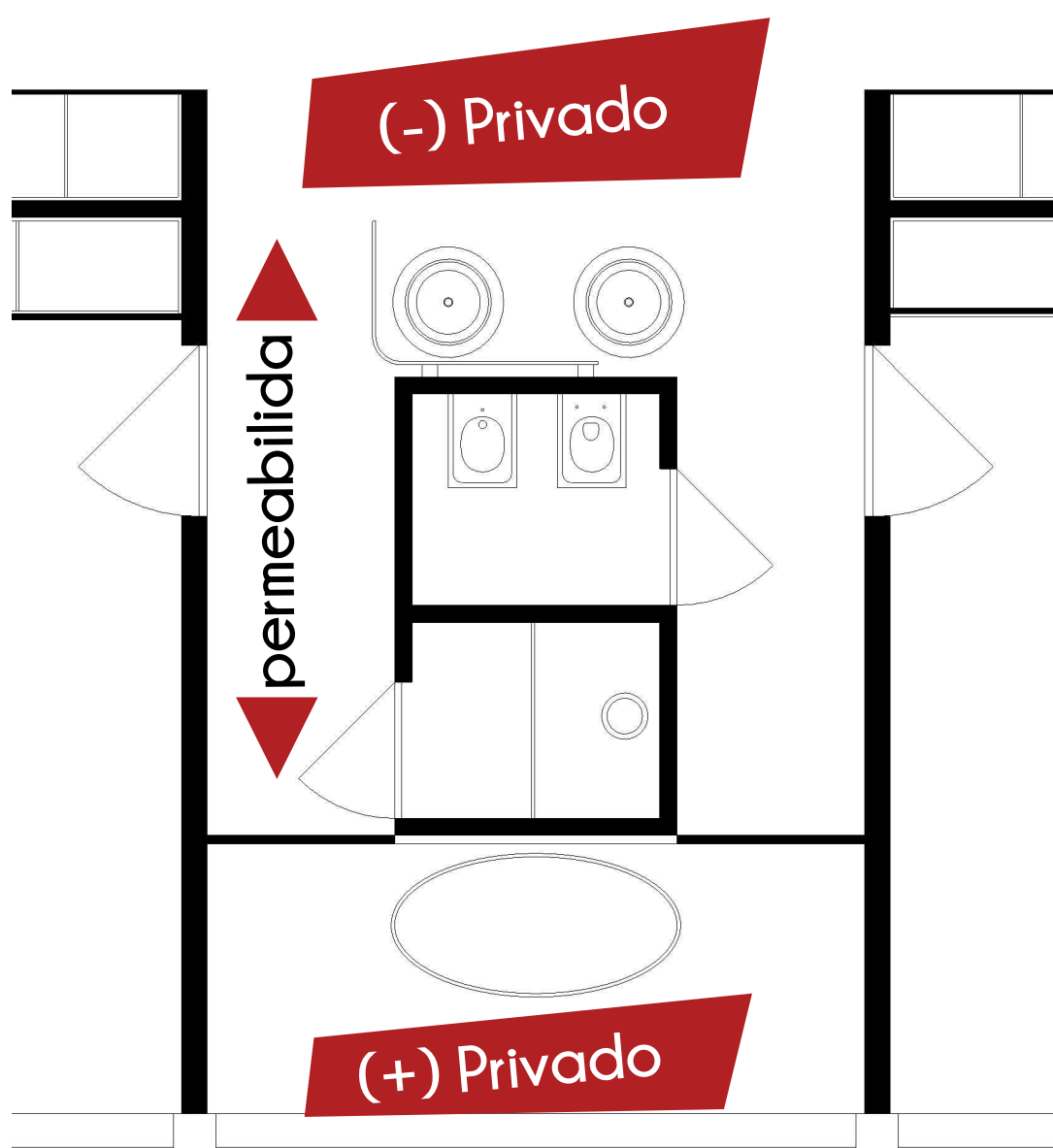
46.

Esquisso: 20

Piso: 2

Corredor / WC

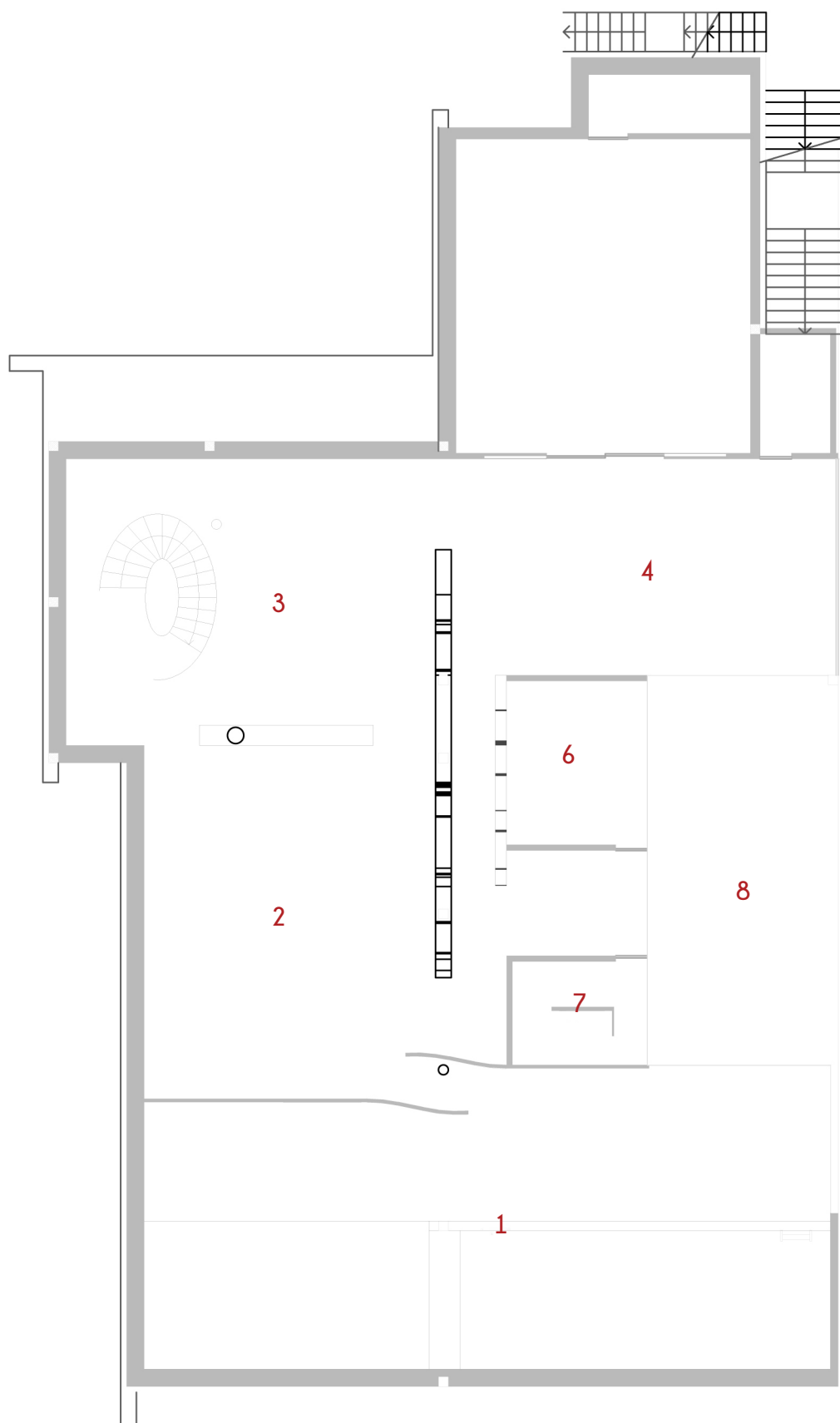
Procura de um espaço multifuncional, diluído e directo
num contexto privado e/ou semi-privado.



47.

Esquema: 1
WC

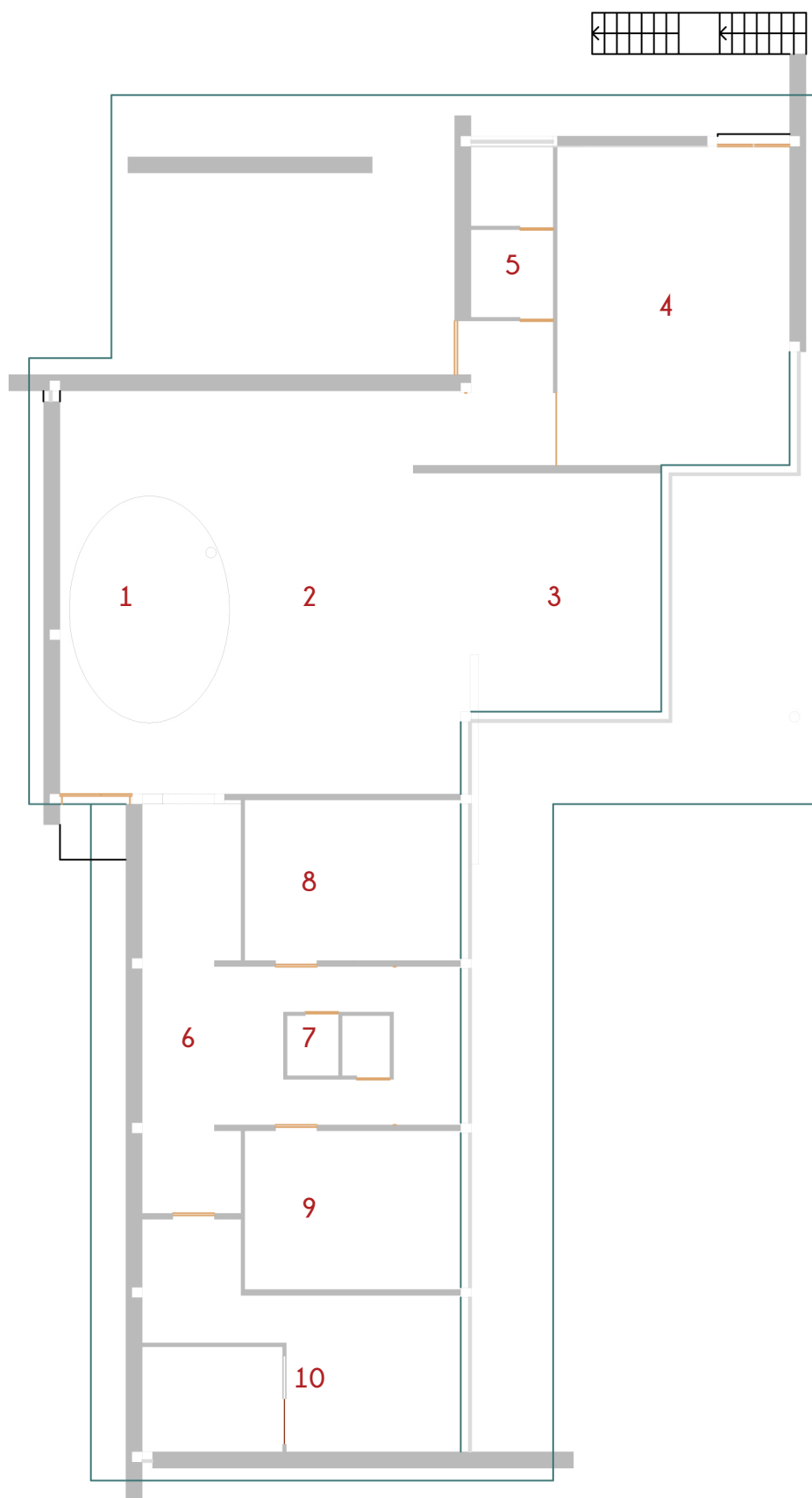
Distribuição espacial - Piso 1



- 1: Lazer / Piscina
- 2: Lazer / Bilhar
- 3: Sala de Estar
- 4: Sala de Estar / TV

- 5: Cozinha
- 6: Escritório
- 7: WC
- 8: Pátio Exterior

Distribuição espacial - Piso 2



- 1: Hall / Escada
- 2: Sala de Estar / TV
- 3: Sala de Jantar
- 4: Cozinha
- 5: Arrumos

- 6: Corredor
- 7: WC
- 8: Quarto
- 9: Quarto
- 10: Suite



48.

Render Sala de Jogos
Piso: 1

Um novo direito para uma casa que faço minha com a 'decoração', com as incrustações do meu vivido, um artefacto de base sobre o qual viver, diversificando-o, reprojectando-o, dentro da minha vida, e talvez fora da arquitectura, até o tornar contentor sensível, disponível e atento do meu vivido. (Milano, 2005, p. 36)

O interior da casa, o seu mobiliário, tem como função trazer os elementos que nos envolvem e esses elementos têm como função aproximar-nos do mundo (Norberg-Schulz, 1984).

O habitante buscará o bem-estar através das relações essencialmente afectivas com os objectos, recriando, através deles, um mundo miniaturizado, desinteressando-se por qualquer visão tecnicista do ambiente. Os objectos ressaltam o carácter particular, íntimo, entre outros, tratando-se de uma decomposição escalar, que rompe todo o sistema hierarquizado de conceber a casa, e se estende, sem perder a intensidade, até ao aroma do interior das gavetas, o que coloca, portanto, a dificuldade de se estabelecer, com precisão, o limite entre a construção e a ocupação da casa, algo que, em termos convencionais, poderia ser explicado destacando-se como o detalhe, a 'decoração' (Ábalos, 2003).

Havendo na decoração mudanças a nível cultural, os europeus, por exemplo, têm tendência a dispor os móveis junto das paredes ou encostados a estas, hábito que, nas casas ocidentais, é o oposto, deixando livres os contornos das paredes, concentrando as actividades no centro das divisões (T. Hall, 1986).

"A cultura é, na sua maior parte, uma realidade oculta, que escapa ao nosso controlo e constitui a trama da existência humana." (T.Hall, 1986, p. 213).

A forma mais compreensível para o observador será assim aquela que melhor o retracte, aquela que com ele mais se identifique, aquela que conheça por conaturalidade, isto é, por existência de uma natureza comum (Távora, 1999).

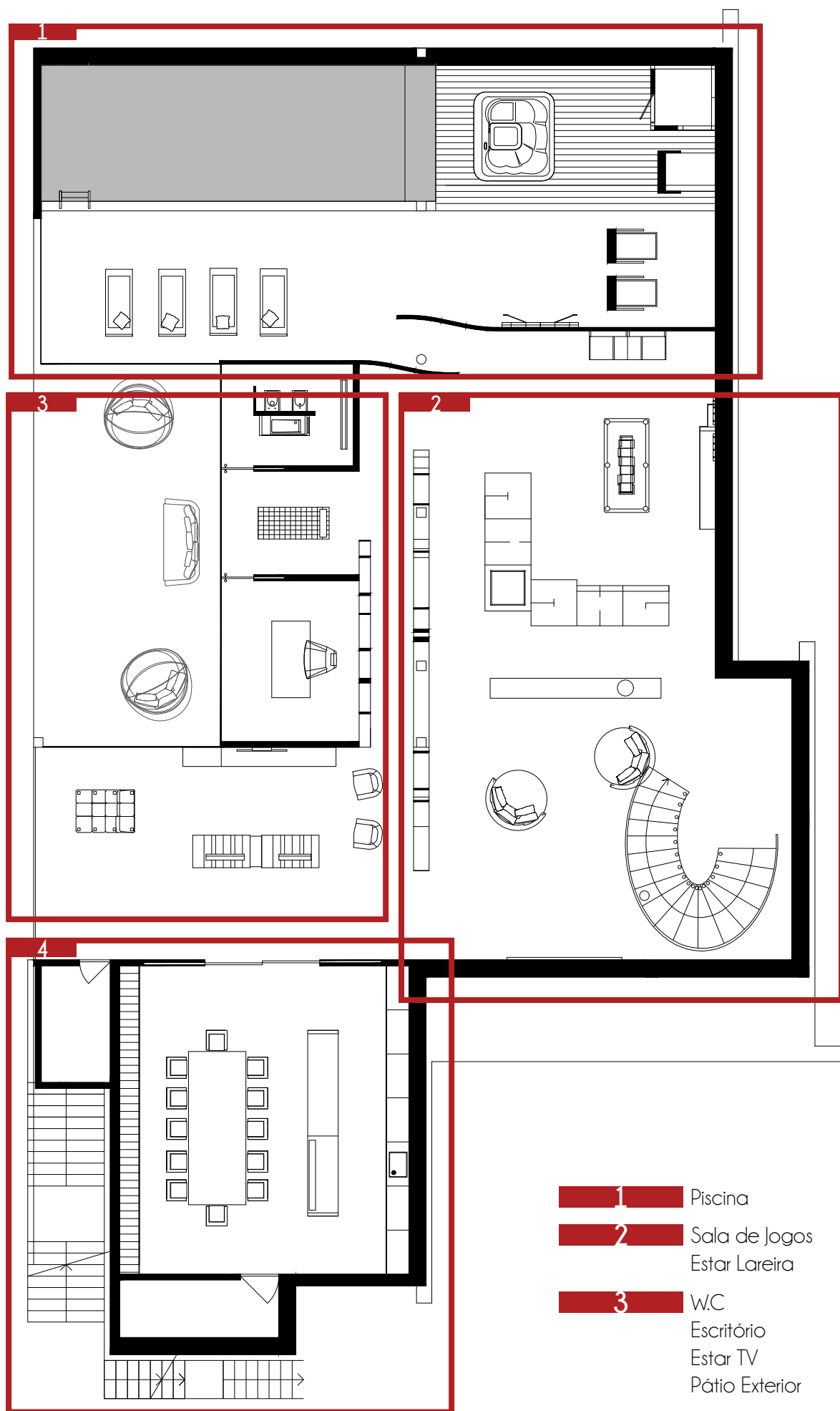
Instalados num único ambiente, o papel de alguns elementos do mobiliário e da casa move-se entre o convencional, atribuído normalmente a peças de descanso e das actividades quotidianas, e o arquitectónico, atribuído às peças de armazenamento e às que têm como característica a sua capacidade de dividir e separar diferentes áreas (Monteys & Fuentes, 2001).

Critica-se o design contemporâneo por lhe faltar uma certa exclusividade e estar excessivamente influenciado pelas modas. A maior parte dos móveis de hoje em dia adapta-se apenas a um determinado ambiente e, num curto espaço de tempo, acabam por se tornar objectos esteticamente obsoletos. (Aalto, 2002, p.70, tradução livre)

O mobiliário presente na habitação reduziu-se a peças funcionais e necessárias, já que se desejavam espaços abertos e flexíveis, sem demasiados obstáculos perceptivos. Os armários ocupam paredes de lado a lado e de chão a tecto, abrindo-se em painéis e jogando com o rigor ortogonal do espaço. Os móveis independentes possuem formas geométricas variadas e algumas complexas, para contrastar com a rectidão dos planos que compõem a vivenda (Asensio, 2001).

A cozinha, o wc e os armários, em muitos casos, foram ganhando espaço por toda a casa, foram, de certo modo, os protagonistas de uma revolução, ocupando agora um lugar de indiscutível importância. Cozinhas e wc, com um maior destaque para o wc na habitação em causa, separaram-se das paredes para dispersar pela casa e aprenderem a relacionar-se com os restantes móveis (Monteys & Fuentes, 2001).

"O mobiliário ocupa um lugar ambíguo entre as criações do homem. Ele não é verdadeiramente indispensável à sua existência." (Lucie-Smith, 1990, p.7, tradução livre).



- 1** Piscina
- 2** Sala de Jogos
Estar Lareira
- 3** W.C
Escritório
Estar TV
Pátio Exterior
- 4** Cozinha

PROPOSTA FINAL



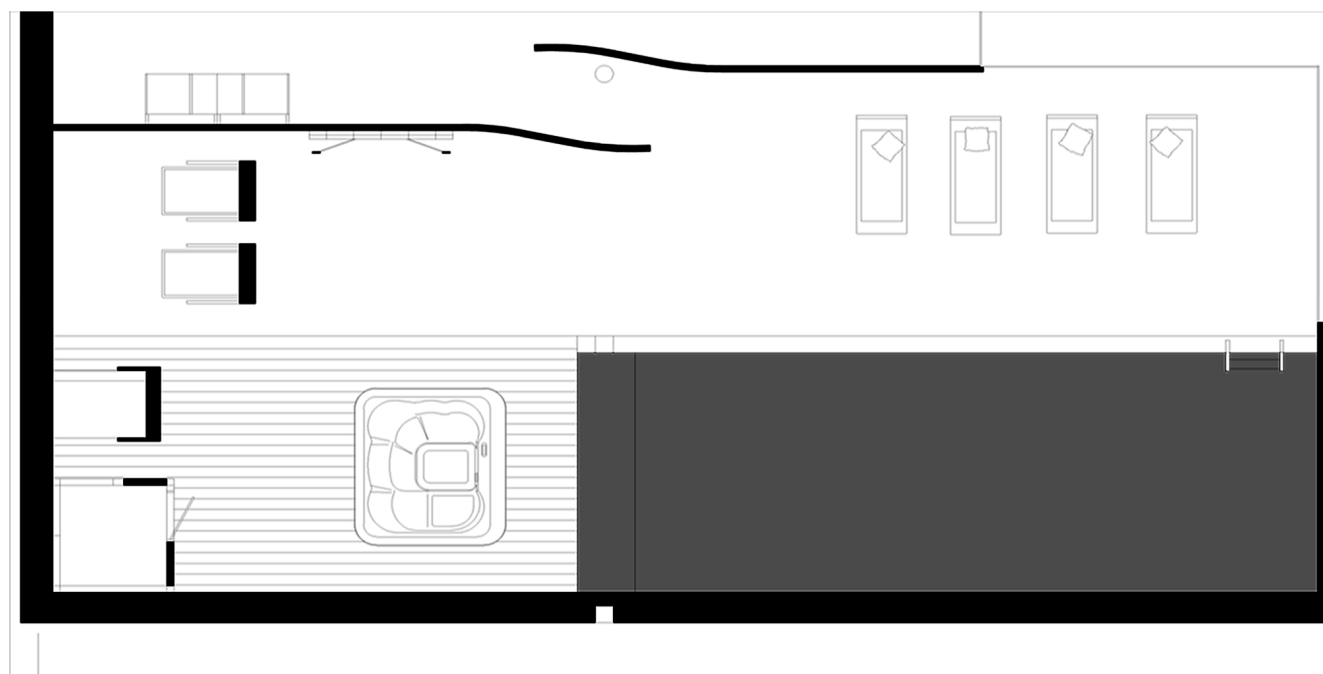
49.

Render
Piso: 1



50.

Render
Piso: 1



51.

Premenor Planta Piscina

Piso: 1

Ao deparar-me com a estanquicidade da piscina, revelando-se esta um elemento central, foco de si mesmo e do espaço envolvente, que impossibilitava a criação de novos espaços lúdicos e/ou lazer.

Estando encontrado o ponto de partida e o elemento fulcral como problema a resolver. Assim, depois de vários estudos do espaço, confrontando a ideia patente de uma necessidade/oportunidade e de uma estreita relação interior/exterior, a descentralização da piscina foi a solução encontrada para aquele espaço não se prender a um único elemento.

-Procura de uma nova abordagem do espaço

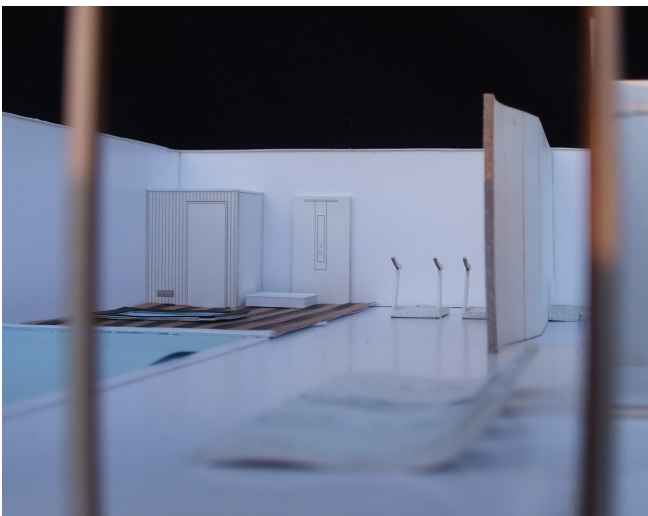
-o espaço deixa de se desenrolar em volta de um único elemento

-Reaproveitamento do espaço/ novas actividades



52.

Render Piscina
Piso: 1



53.

Foto Maquete Piscina
Piso: 1



54.

Foto Maquete Piscina
Piso: 1



55.

Chaise longue "Wave"
Designer: Francesco Rota
Empresa: Paola Lenti



56.

Sauna "evolve"
Empresa: Tylo



57.

"Kinesis personal heritage"
Empresa: Techogym



58.

"Run Now"

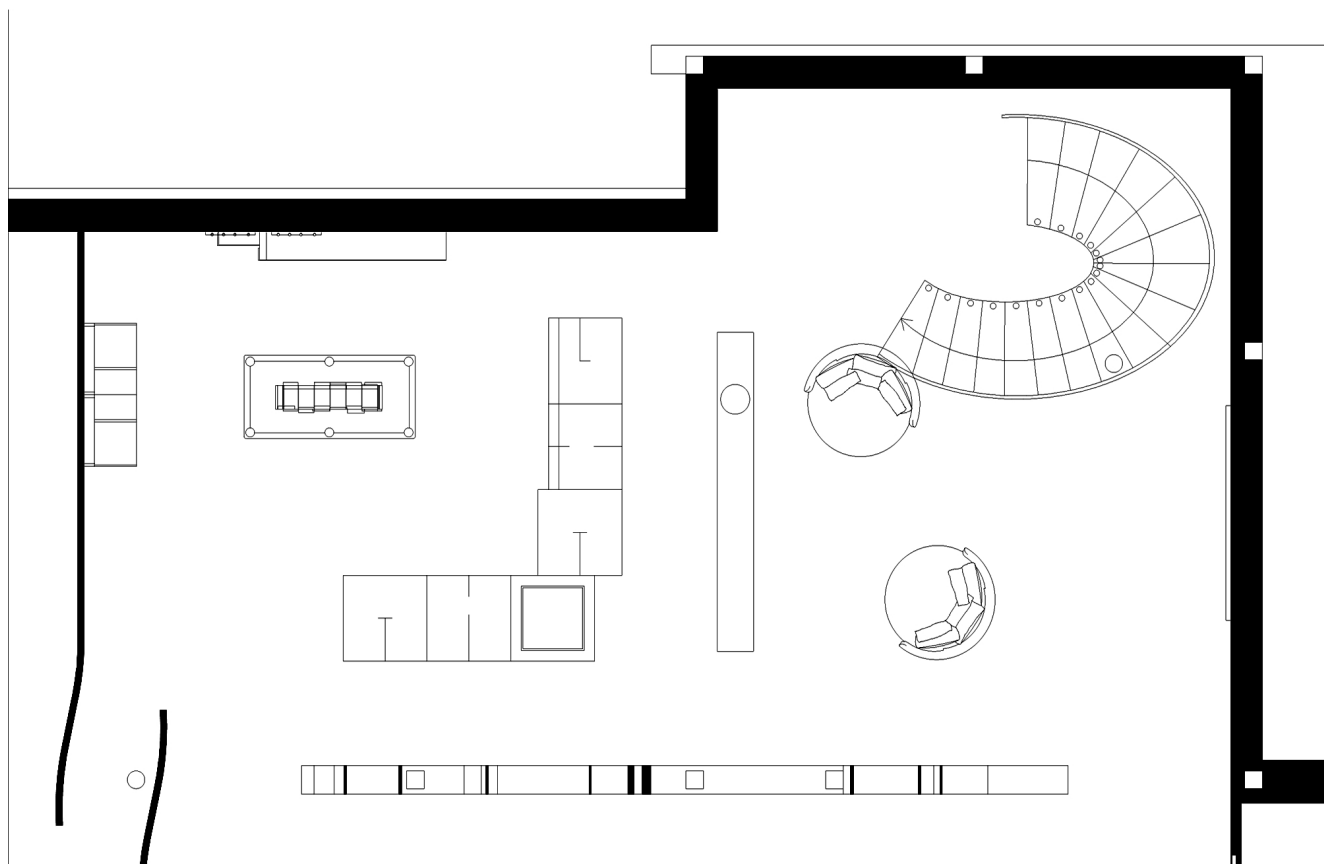
Empresa: Techogym



59.

jacuzzi "spa aero"

Empresa: jacuzzi brasil



60.

Premenor Planta Sala de Jogos

Piso: 1

“A casa, a construção da habitação, não é tanto uma metáfora, o seu conceito é baseado na ideia de que uma casa deve satisfazer necessidades diversas” (G. Cañizares, 2011).

Com base na citação anterior, e, idealizando aproveitar ao máximo o piso térreo, perspectivou-se uma nova organização do mesmo espaço, proporcionando assim novos espaços de lazer e interação.

Conferindo-se assim, uma nova identidade ao espaço, simples e diluído, de fácil circulação e boémio.

-Lúdico/ viver

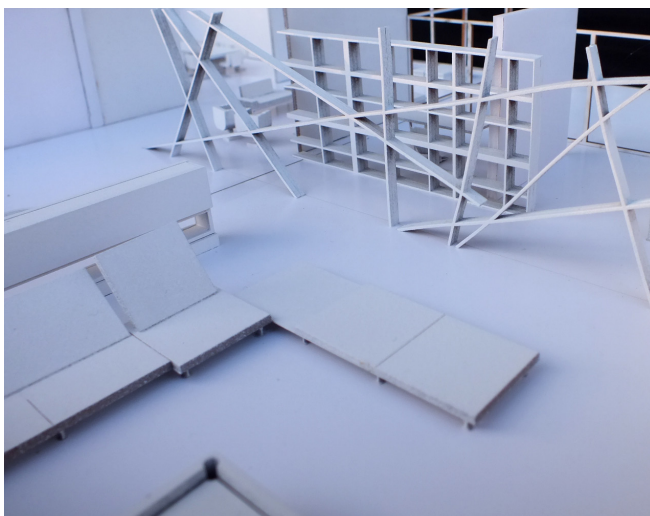
-Potenciar relações humanas

-Interactividade de diferentes faixas etárias



61.

Render Sala de Jogos
Piso: 1



62.

Foto Maquete Sala de Jogos
Piso: 1



63.

Foto Maquete Sala de Jogos
Piso: 1

Comunicar

Diluir

Direccionar

Visionar

Descoberta

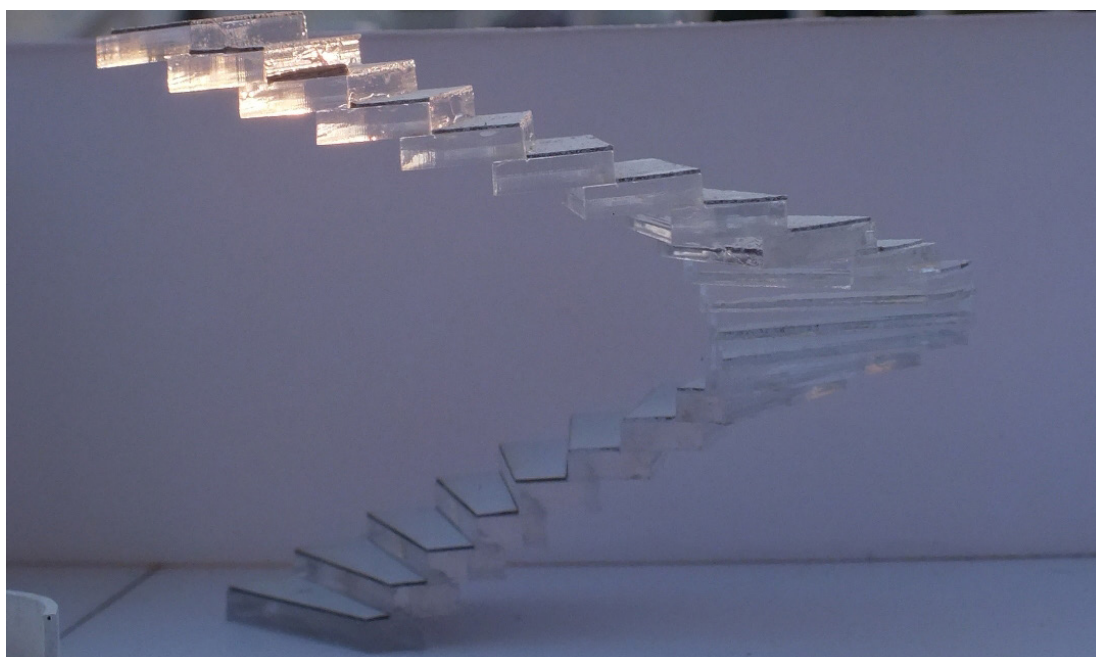
Lúdico

Na sequência da nova organização espacial deste novo espaço lúdico, numa complexidade subtilmente organizada, de forma a propor uma interactividade entre diversas personagens, surgindo assim uma nova necessidade.

A rigidez e a falta de movimento patente no volume anterior não correspondia de todo à nova linguagem pretendida, assim sendo, é proposto algo mais dinâmico e fluído, correspondendo e continuando a articulação e diversidade dos novos espaços.

A fluidez dos percursos que se comunicam entre si e a necessidade de um elemento marcante de interacção, e ao mesmo tempo separatório entre o mais público e o mais privado, respectivamente o piso 1 e o piso 2, levou assim a pensar num elemento que possibilitasse logo à partida o vislumbre de novos espaços.

Contudo esta nova articulação entre pisos quer-se subtil e ao mesmo tempo um elemento contínuo de expectativas, repleto de surpresas visuais provocadas pelas inúmeras abordagens ao espaço que este novo elemento escultórico possibilita.



64.

Foto Maqueta Escada
Piso: 1



65.

Foto Maquete Escada
Piso: 1



66.

Foto Maquete Escada
Piso: 1



67.

Render Escadas
Piso: 1



68.

Render Escadas
Piso: 1



69.

Render Escada
Piso: 1



70.

Render Estar Lareira
Piso: 1

71.

Sofá "All"

Designer: Francesco Rota

Empresa: Paola Lenti



72.

Sofá "damier" |2002|

Designer: Francesco Binfarè

Empresa: Edra



73.

Sofá "damier" |2002|

Designer: Francesco Binfarè

Empresa: Edra



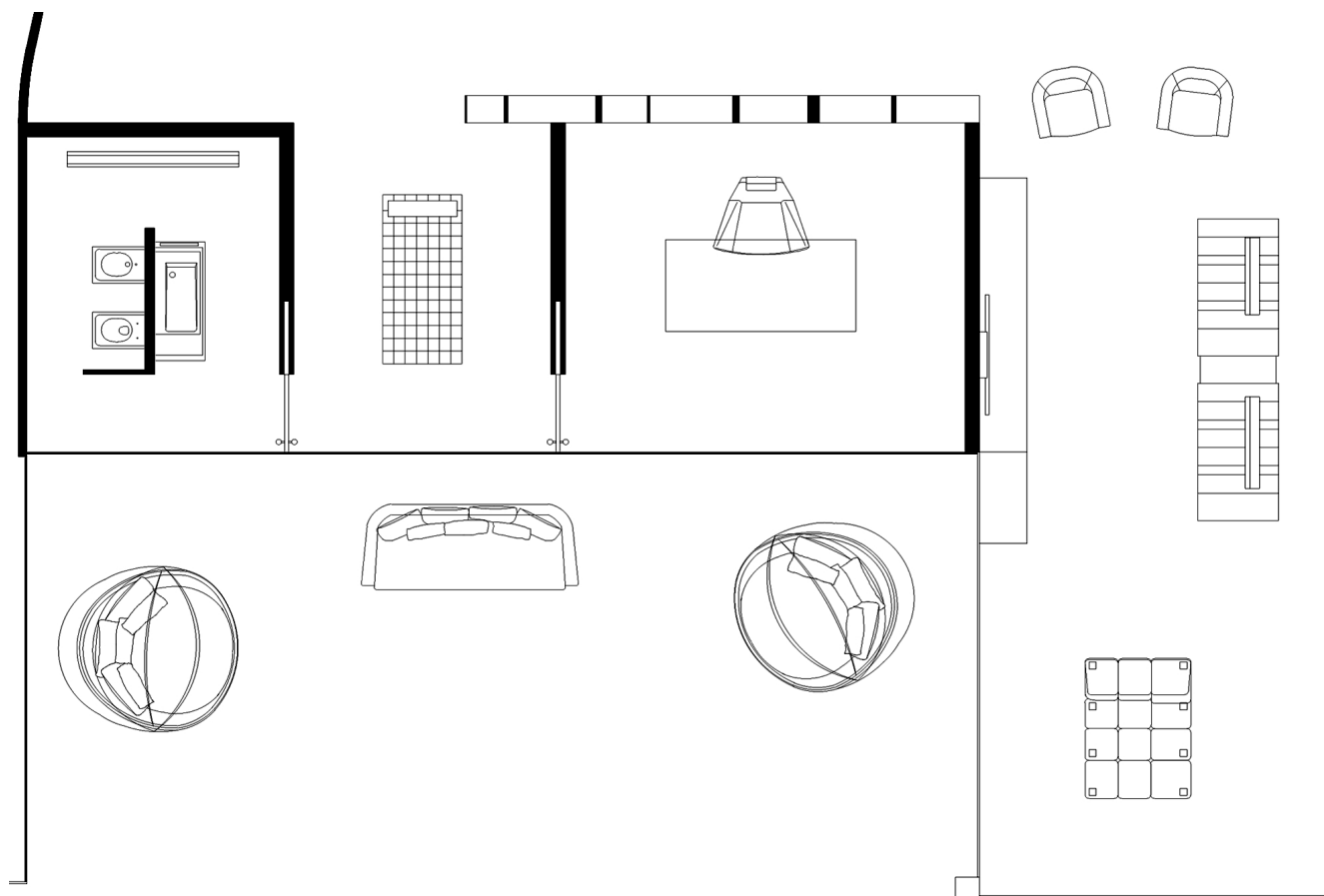
74.

Sofá "amoenus ac collection" |2006|

Designer: Antonio Citterio

Empresa: B&B Italia

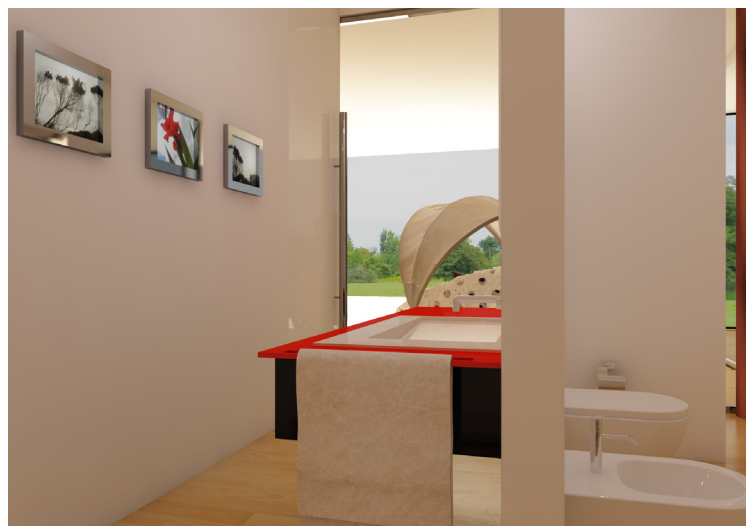




75.

Premenor Planta W.C | Escritório | Pátio Exterior

Piso: 1



76.

Render: W.C

Piso 1

77.

Lavatório "Thin"
Empresa: Pibamarmi



78.

Radiador "soho freestanding" |2009|
Designer: Ludovica / Roberto Palomba
Empresa: Tubes



79.

Foto Maqueta: W.C
Piso: 1



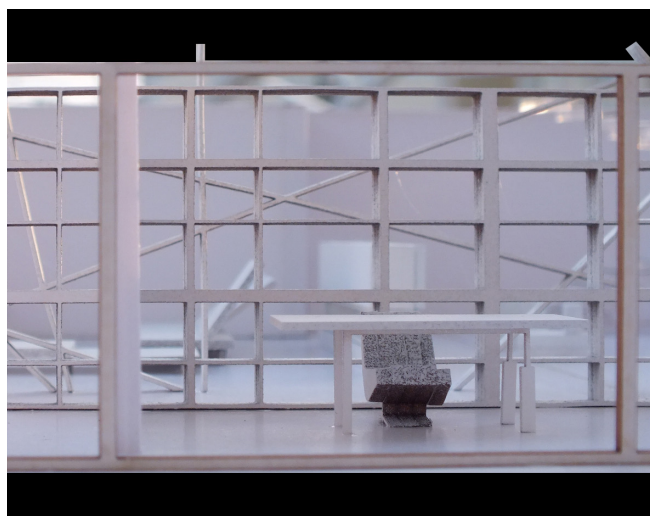
80.

Render Escritório
Piso: 1



81.

Foto Maquete Escritório
Piso: 1



82.

Foto Maquete Escritório
Piso: 1

83.

Cadeira "Metropolitan" |2003|

Designer: Jeffrey Bennett

Empresa: B&B Italia



84.

Candeeiro "Ike Floor" |2012|

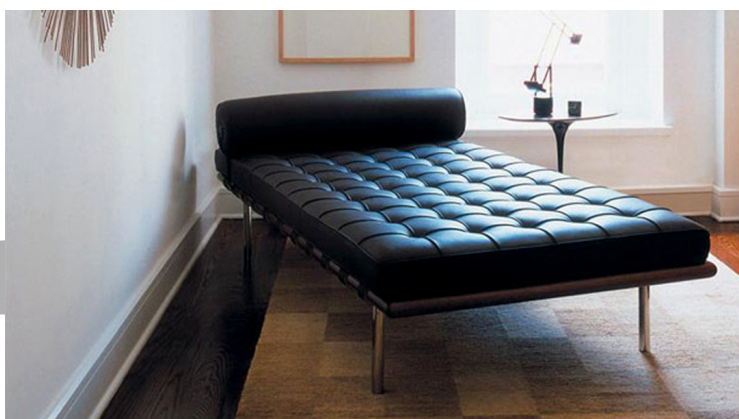
Empresa: Delightfull



85.

Chaise longue "Baecelona Day Bed"
|1930|

Empresa: Knoll





86.

Foto Maquete Estar TV
Piso: 1

87.

Sofá "tuffy-time" |2005|
Designer: Patricia Urquiola
Empresa: B&B Italia



88.

Poltrona "tulip" |2000|
Designer: Jeffrey Bennett
Empresa: B&B Italia



89.

Sofá "smith" |2008|
Designer: Rodolfo Dordoni
Empresa: Minotti



90.

Sofá "smith" |2008|
Designer: Rodolfo Dordoni
Empresa: Minotti





91.

Render: Pátio

Piso: 1



92.

Render: Pátio

Piso: 1

"É a união em perspectiva de interior e exterior e a consequente ambiguidade que intensificam a percepção de acesso espacial e de intimidade" (Hertzberger, 1999)

Os grandes vãos envidraçados aliados a um jogo articulado de um pátio central, cria assim um jogo ritmado de cheios e vazios, jogo este que traz agora uma nova lógica a este espaço. Os utilizadores deste novo cenário ganham em diferentes perspectivas do espaço, novas vivências.

93.

Sofá "canasta" |2007|
Designer: Patricia Urquiola
Empresa: B&B Italia



94.

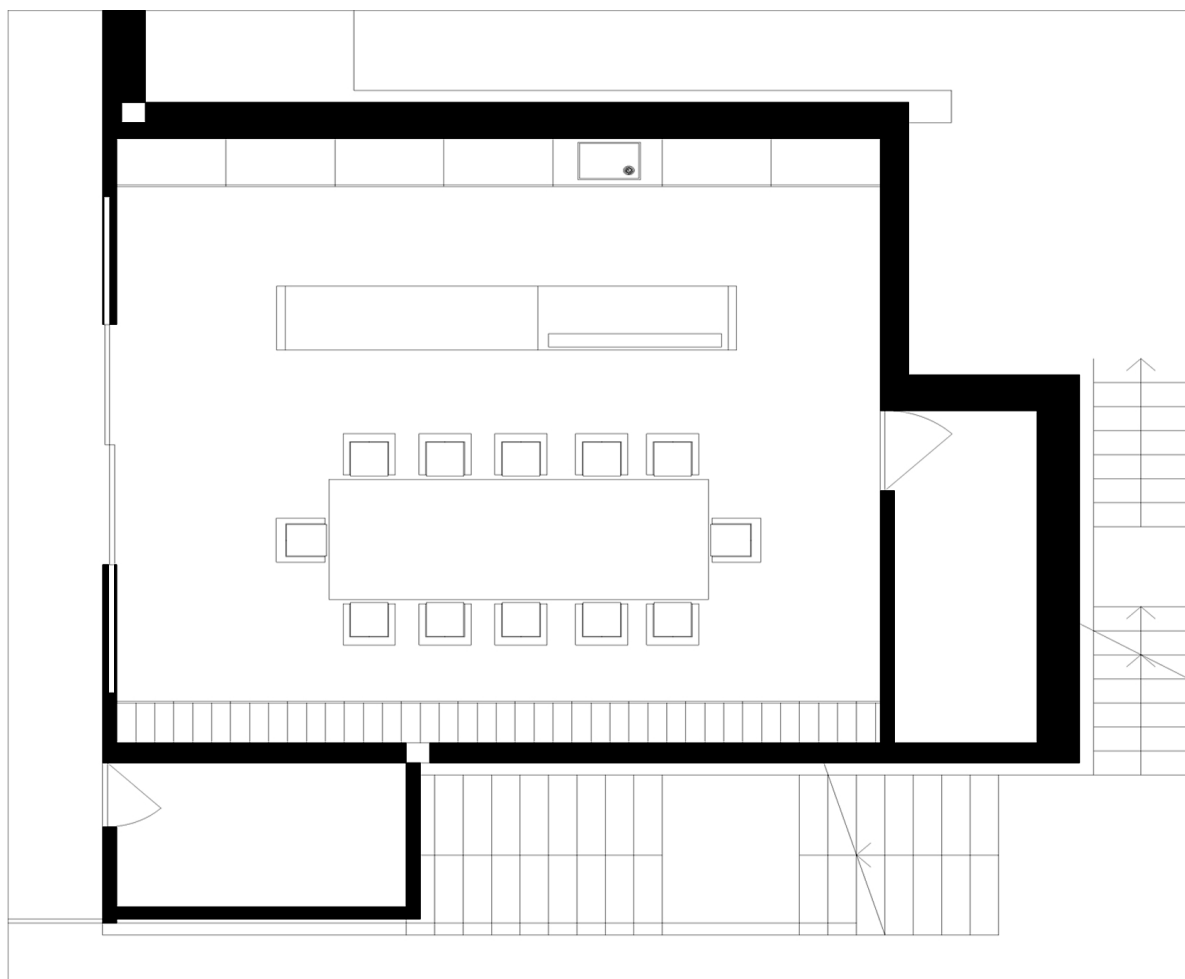
Sofá "canasta circular" |2007|
Designer: Patricia Urquiola
Empresa: B&B Italia



95.

Sofá "canasta circular" |2007|
Designer: Patricia Urquiola
Empresa: B&B Italia





96.

Premenor Planta Cozinha

Piso: 1



97.

Candeeiro "Light Volume 33S" |2000|

Designer: Bakerygroup

Empresa: Prandina



98.

Candeeiros "Big Bang" |2005|

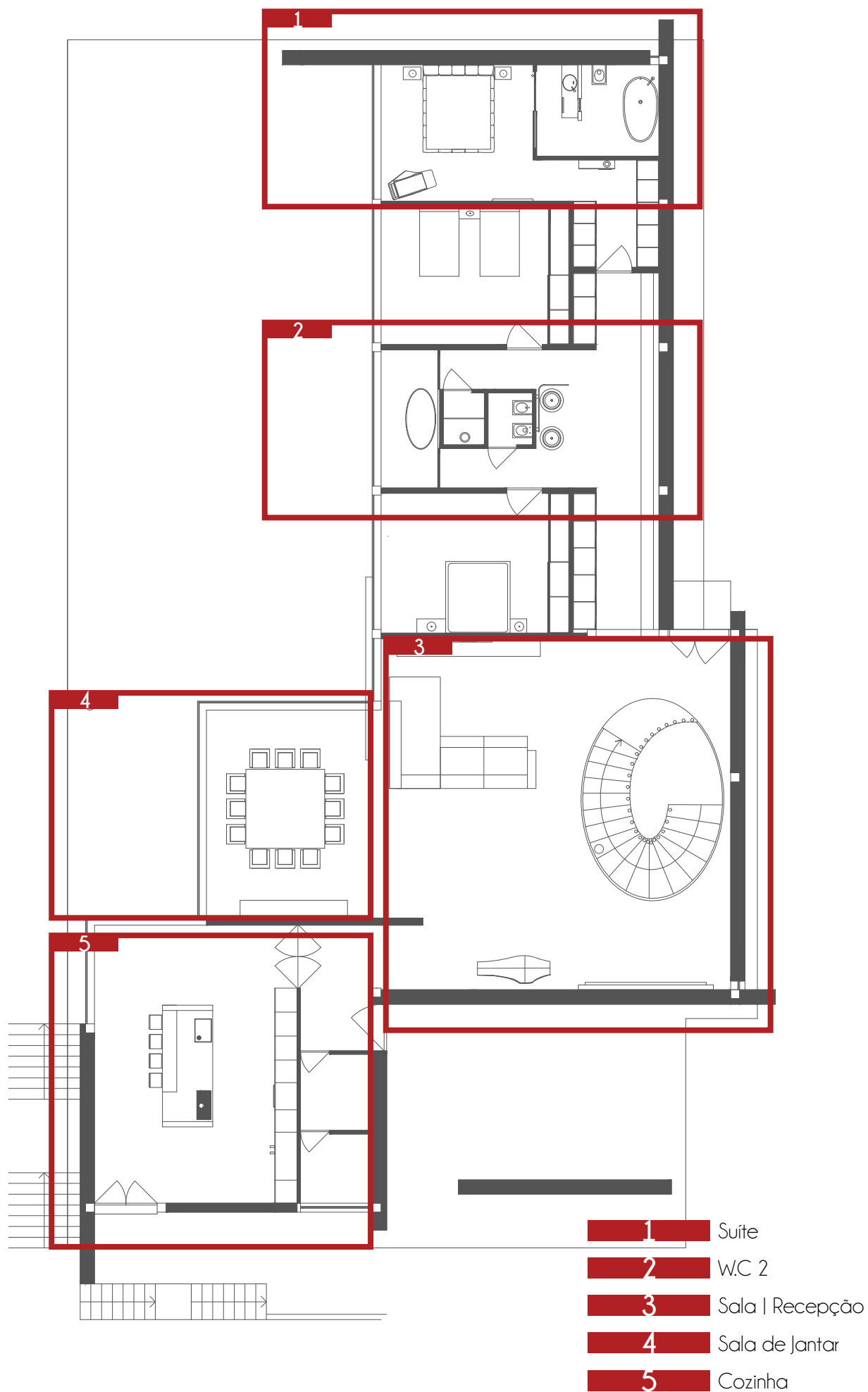
Designer: Enrico Franzolini / Vicente Jimenez

Empresa: Foscarini



99.

Render: Cozinha
Piso: 1





100.

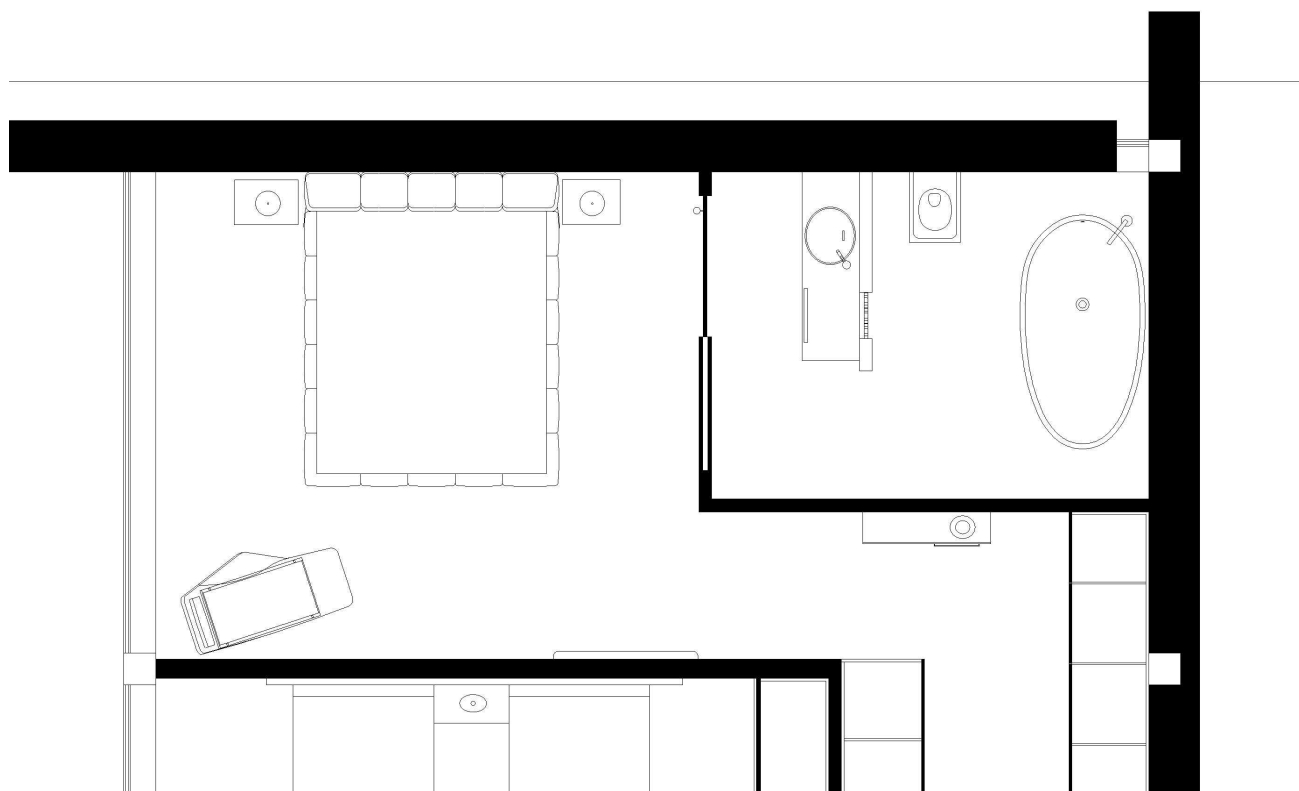
Render
Piso: 2



101.

Render
Piso: 2

1. Suíte



102.

Premenor Planta: Suíte
Piso: 2



103.

Render: Suíte
Piso: 2



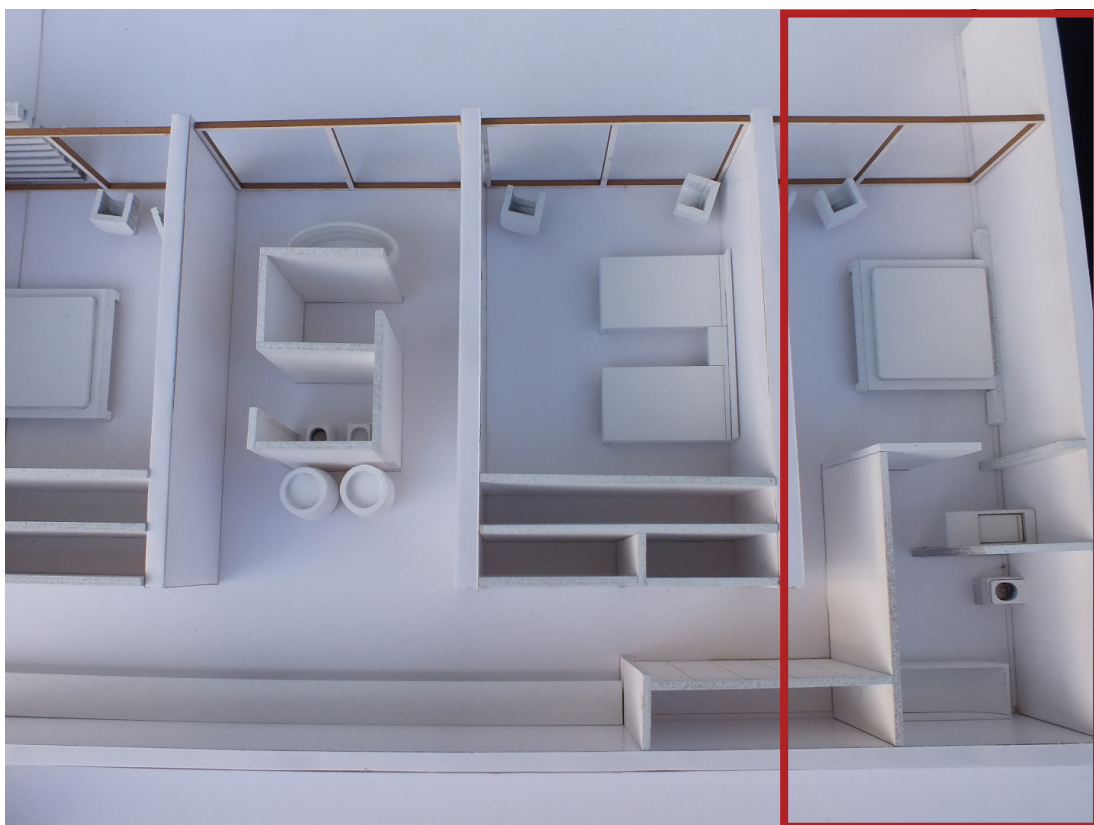
104.

Render: Suíte
Piso: 2



105.

Render: Suite vista W.C
Piso: 2



106.

Foto Maqueta: Suite
Piso: 2



107.

Cama "tuffy-bed" |2007|

Designer: Patricia Urquiola

Empresa: B&B Italia



108.

Chaise Longue "landscape'05" |2005|

Designer: Jeffrey Bennett

Empresar: B&B Italia



109.

Candeeiro "Notte Metal" |2008|

Designer: Mengotti

Empresa: Prandina

110.

Lavatório "cerchio"
Designer: Antonio Lupi



111.

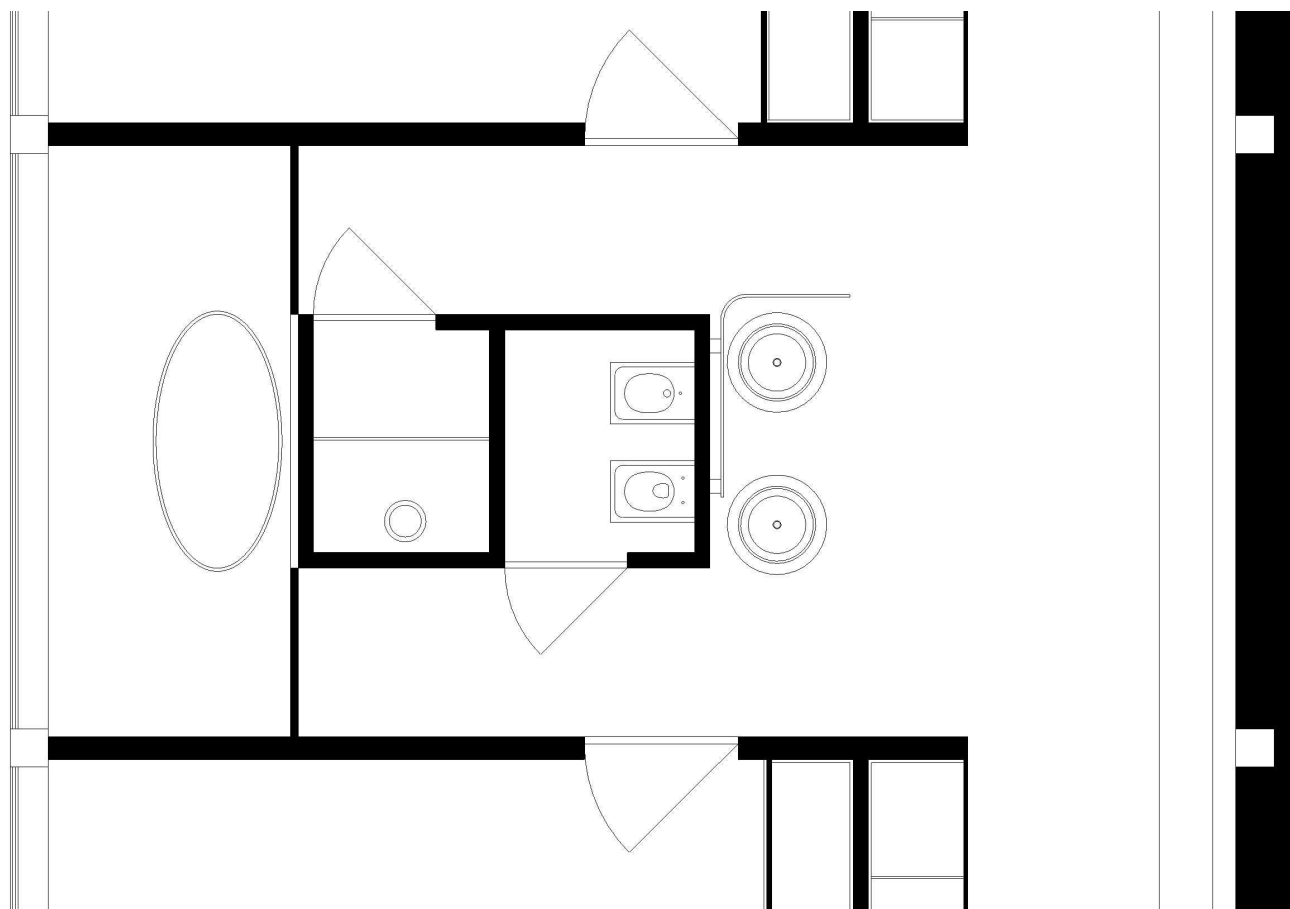
Banheira "spoon xl" |2005|
Designer: Benedini Associati
Empresa: Agape



112.

Radiador "Add-On" |2004|
Designer: Satyendra Pakhalé
Empresa: Tubes





113.

Premenor Planta W.C 2**Piso:** 2

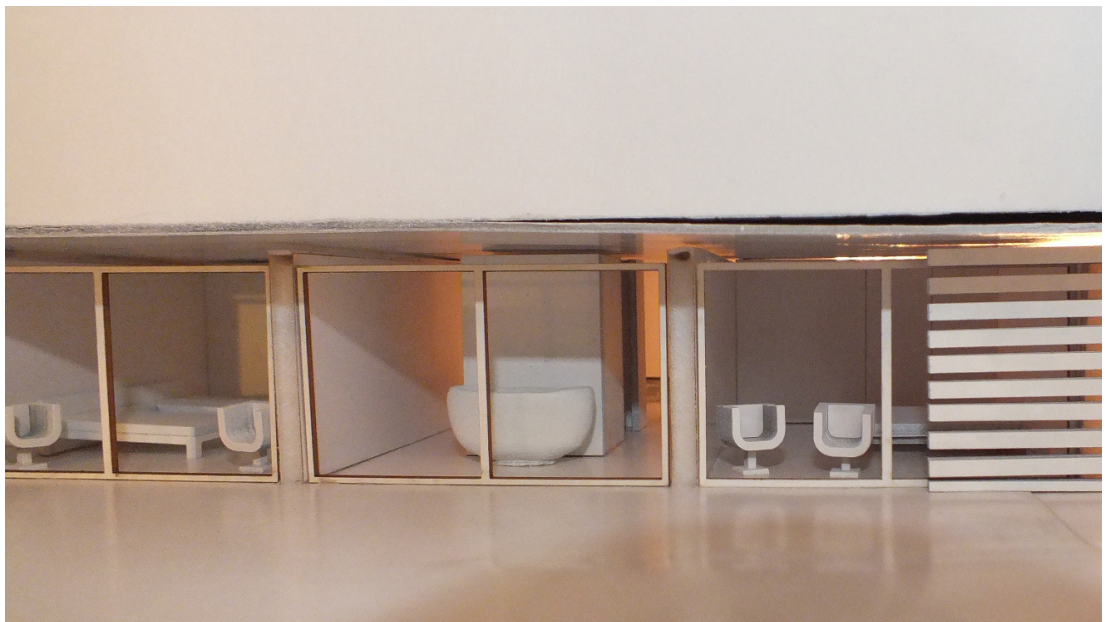
Numa nova perspectiva do habitar, quebrando os códigos comuns do ritmo diário, e respeitando contudo a privacidade de cada um, levanta-se assim uma oportunidade de uma maior interacção entre os utilizadores, provocando novos hábitos familiares.

Assim, o wc, mais precisamente a área dos lavatórios, estendem-se para o corredor de circulação, fazendo deste espaço multifuncional, diluído e directo num contexto privado e, ou semi-privado.



114.

Foto Maqueta: W.C 2
Piso: 2



115.

Foto Maqueta: W.C 2
Piso: 2



116.

Render: W.C 2
Piso: 2



117.

Render: W.C 2
Piso: 2



118.

Foto Maqueta: W.C 2

Piso: 2



119.

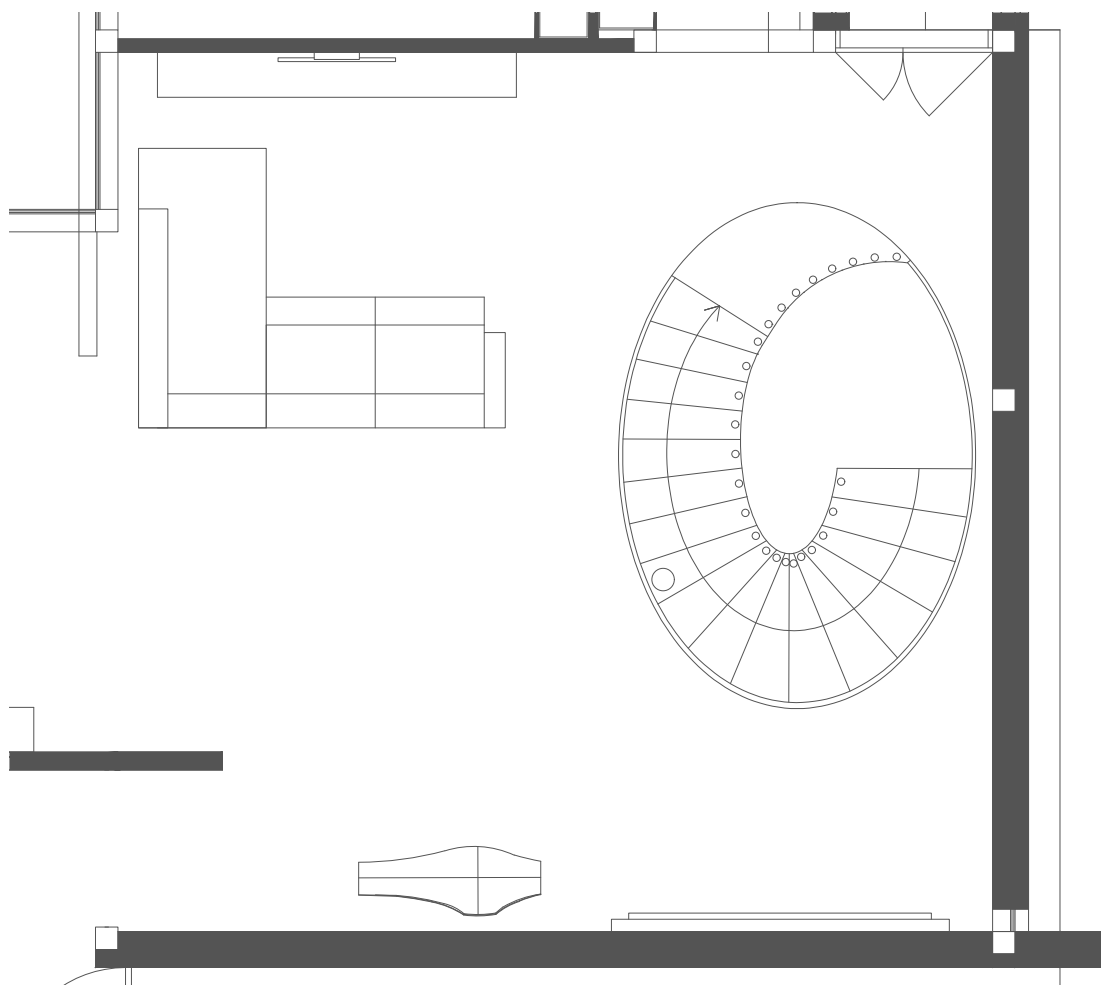
Lavatório "barrel"
Designer: Antonio Lupi



120.

Banheira "lavasca"
Designer: Matteo Thun
Empresa: Rapsel

3 Sala | Recepção



121.

Premenor Planta: Sala | Recepção

Piso: 2



122.

Sofá "andy" |2002|

Designer: Paolo Piva

Empresa: B&B Italia



123.

Chaise longue "terminal 1" |2008|

Designer: Jean Marie Massaud

Empresa: B&B Italia



124.

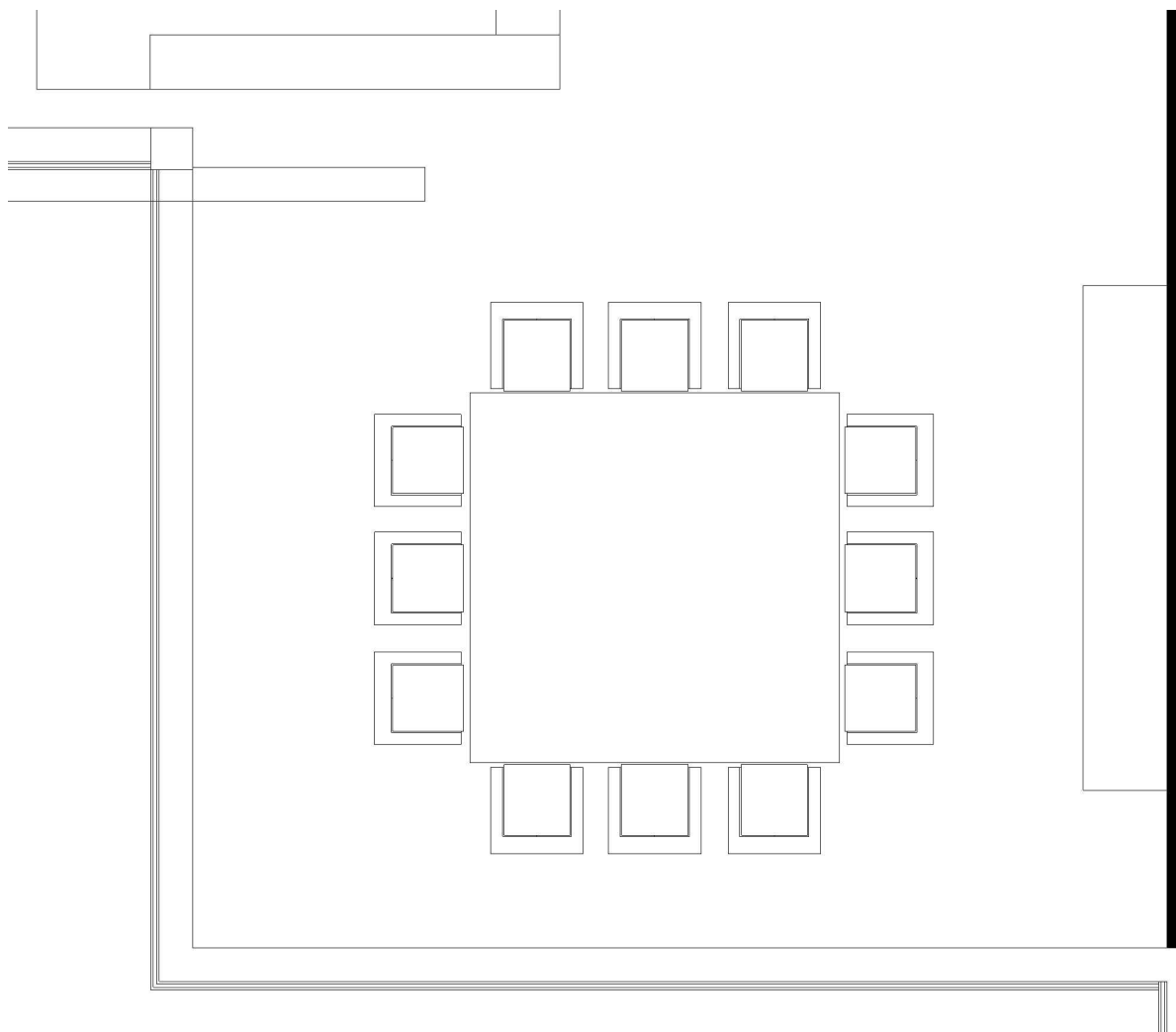
Render: Sala | Recepção
Piso: 2



125.

Render: Sala | Recepção
Piso: 2

4 Sala de Jantar



126.

Premenor Planta: Sala | Recepção
Piso: 2



127.

Foto Maqueta: Sala Jantar
Piso: 2



128.

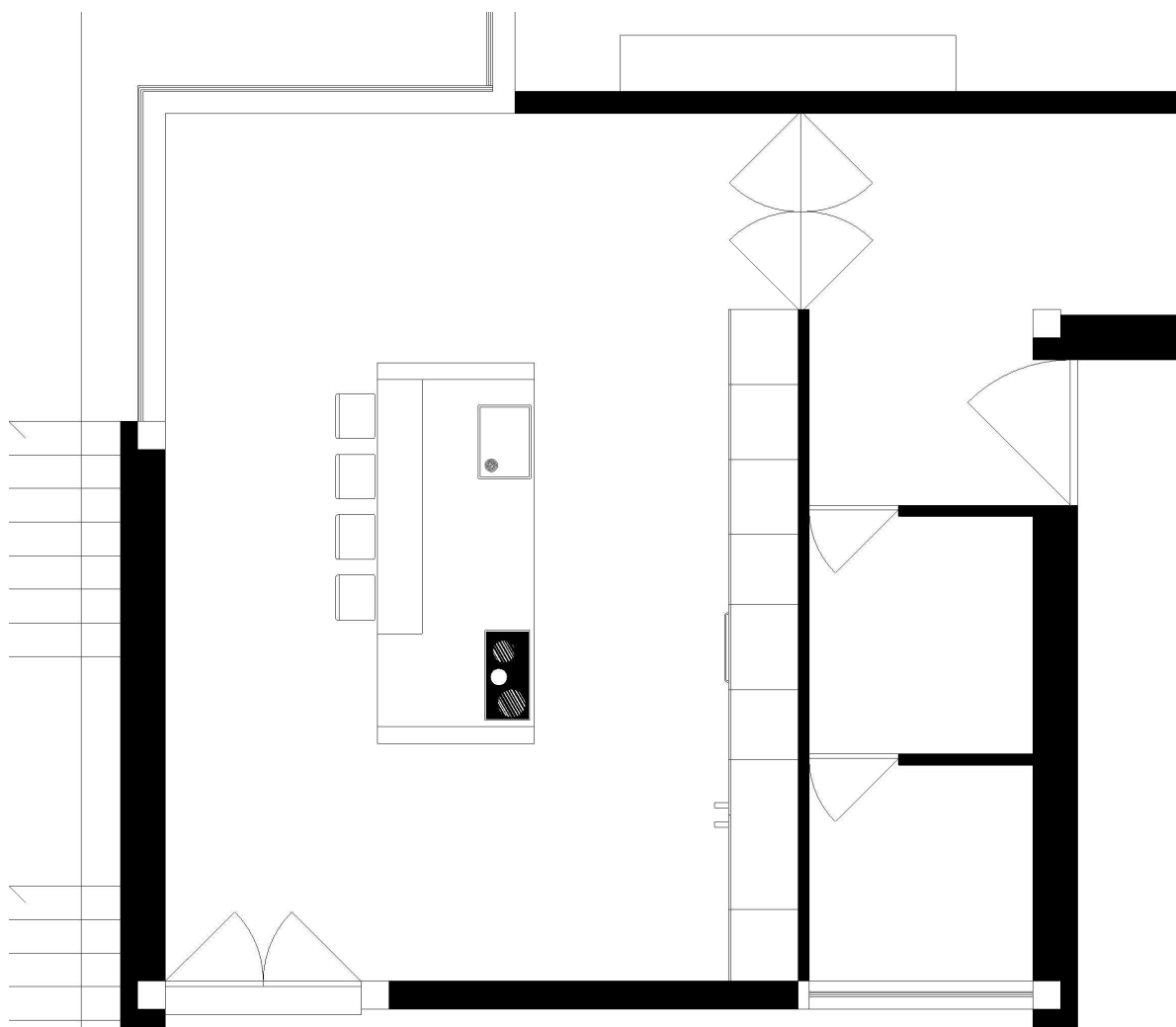
Candeeiro "ike Suspension" |2012|
Empresa: Delightfull



129.

Render: Sala de Jantar
Piso: 2

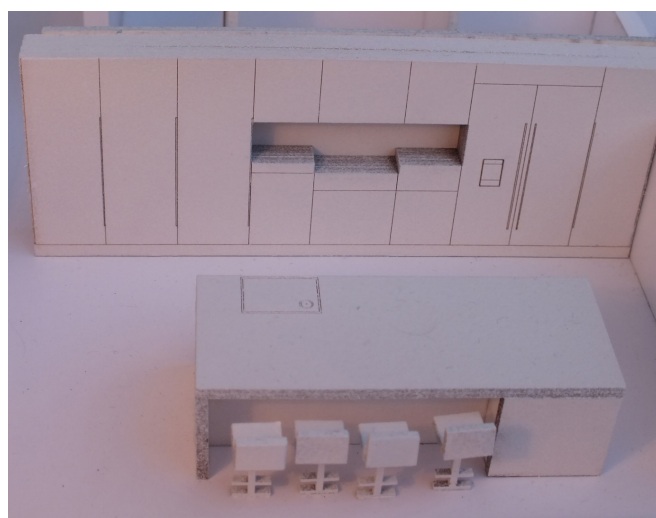
5 Cozinha



130.

Premenor Planta: Sala | Recepção

Piso: 2



131.

Foto Maqueta: Cozinha

Piso: 2



132.

Candeeiro "Zerodieci" |2010|

Empresa: Prandina



133.

Render: Cozinha
Piso: 2

Mobiliário Concebido



134.

Mobiliário Autor
Suporte para Tacos



135.

Mobiliário Autor
Mesa de Bilhar



136.

Mobiliário Autor
Mesa de Jantar
Cozinha P1

137.

Mobiliário Autor
Secretária



138.

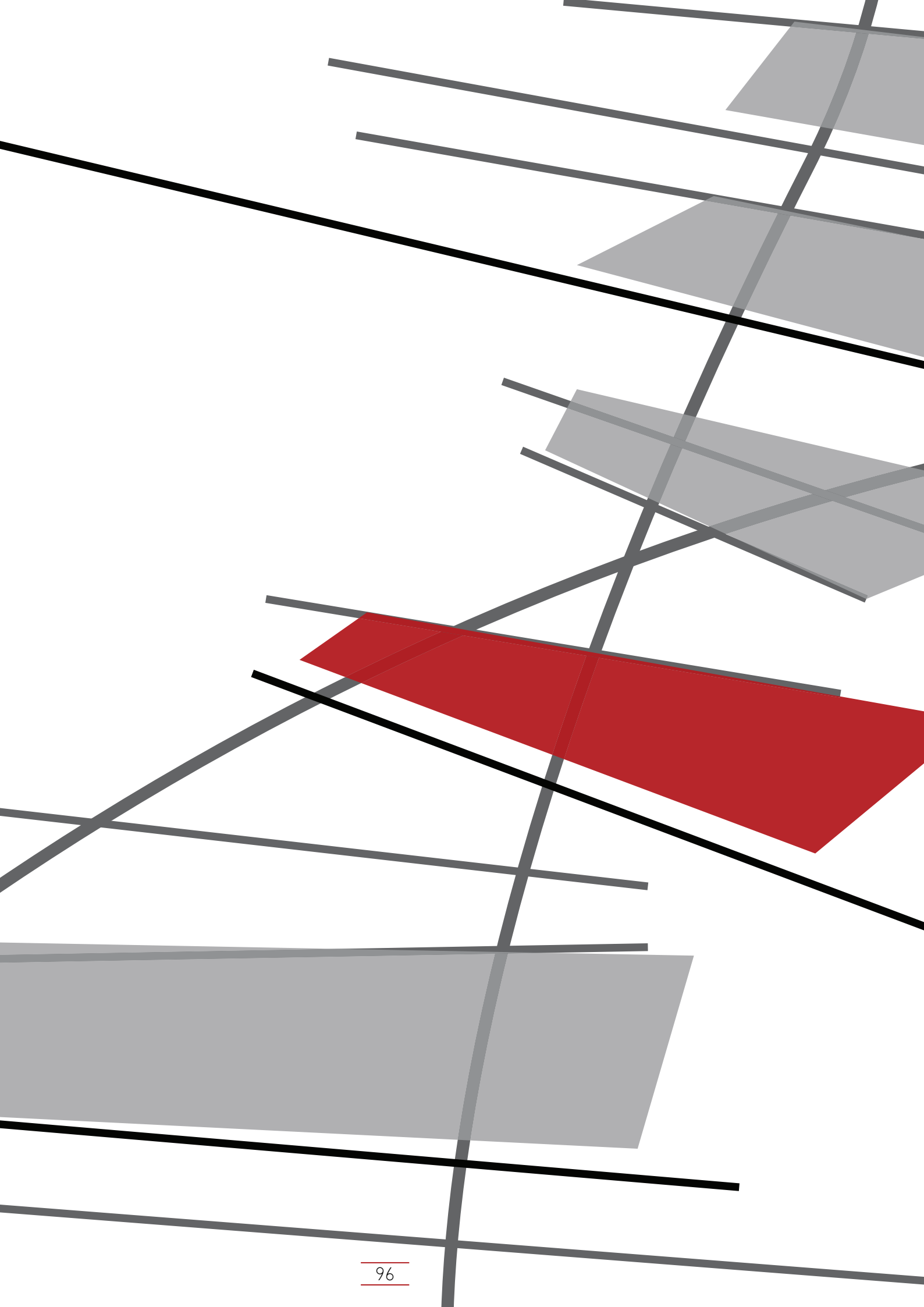
Mobiliário Autor
Armário sala de jantar



139.

Mobiliário Autor
Escultura Separatória





CONCLUSÃO

Concluindo, prevalece, neste projecto, uma tentativa de conciliação entre diferentes espaços, uma interligação entre o público e o privado, descortinando-se efectivamente uma maior preocupação com a existência de um espaço lúdico para interacção de relações sociais. Com maior relevância, uma abordagem sobre a perspectiva do habitar, fulcral no tema da habitação, é extremamente importante para perceber qual a relação existente entre a habitação e o habitante, não esquecendo a relação dos espaços interiores com os espaços exteriores e a inclusão da importância da iluminação e da cor.

A particularidade da existência de um salão de jogos com uma piscina interior, fazendo parte integrante do espaço lúdico, é uma mais-valia para aprofundar e potenciar relações humanas e a interacção de pessoas de diferentes faixas etárias, com este mesmo espaço, o que nos permite pensar e a perspectivar o espaço de outra maneira, com o intuito de agradabilidade aos diferentes públicos.

Da mesma forma, o dinamismo das escadas permite ao utilizador ter uma total cobertura do espaço envolvente. Em nenhum ponto o seu ângulo visual será o mesmo, ou seja, de degrau em degrau a sua percepção do espaço será diferente, permitindo de uma forma simplificada e directa a escolha do espaço pretendido.

Outro factor diferenciador neste projecto é a união de espaços, que possibilita uma continuidade do interior para o exterior. Criando assim, uma nova e diferente dinâmica no aspecto do “habitar”.

BIBLIOGRAFIA

Ábalos, I. (2003). A boa-vida, visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Arredi, M. (1997). La casa unifamiliare del novecento. Un secolo di architettura abitativa. Torino: UTET Libreria.

Asensio, P. (2001). Espaços para viver e trabalhar. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Aves, J. & Melanie (1994). Interior designers, showcase of color. Los Angeles: Rockport Publishers, Inc..

Azevedo, M. (2010/2011). A luz na arquitectura. Volt lighting design. 08, 36.

Bianchi, F. (1991). L'architettura della luce. Roma: Edizioni Kappa.

Bonet, D. (1952). Como se armonizan los colores. Barcelona: L.E.D.A..

Broto, C. (1999). Domestic interiors, architectural design. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones, S.A..

Broto, C. & Minguet, J. (2003a). Casas, nova arquitectura de interiores. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones, S.A..

Broto, C. & Minguet, J. (2003b). Pequenos espaços, grandes ideias. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones, S.A..

Cornoldi, A. (1999). La arquitectura de la vivienda unifamiliar. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Cuito, A. (2002). Alvar Aalto. Barcelona: Dinalivro.

Darling, E. (2000). Le Corbusier. Madrid: A. Asppan S.L..

Ek Lopes, P. (2010/2011). Luz na arquitectura. Volt lighting design. 08, 30-33.

Ferrara, A. & Smith, C. (2003). Xtreme interiors. Munique: Prestel.

G. Cañizares, A. (2011). 100 ideias para o design de apartamentos. Barcelona: Loft Publications.

Gibbs, J. (2005). Interior design. Londres: Laurence King Publishing Ltd.

Hertzberger, H. (1999). Lições de arquitectura. São Paulo: Martins Fontes.

Jiménez, C. (1999). Museos y exposiciones. Barcelona: Ediciones Ceac S.A..

- Lucie-Smith, E. (1990). *Histoire du mobilier*. Paris: Thames & Hudson.
- Luís Moia, J. (1981). *Projectar uma vivenda*. Lisboa: Editorial Presença, Lda.
- Major, M., Speirs, J. & Tischhauser, A. (2005). *Made of light: the art of light and architecture*. Basel: Birkhauser Publisher.
- Milano, M. (2005). *Do habitar*. Matosinhos: Edições ESAD.
- Monteiro, M. (2010/2011). *Compasso Orgânico*. *Volt lighting design*. 08, 19-22.
- Monteiro, P. (2010/2011). *Vestir com luz*. *Volt lighting design*. 08, 5.
- Monteys, X. & Fuertes, P. (2001). *Casa Collage*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A.
- Moore, C. & Yudell, R. (1997). *Body, memory and architecture*. New Haven: Yale University Press.
- Morgan, T. (2008). *Visual merchandising, escaparates e interiors comerciais*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A.
- Norberg-Schulz, C. (1984). *L'abitare: l'insediamento, lo spazio urbano, la casa*. Milano: Edizioni Electa.
- Russel, S. (2008). *The pitch the architecture of light*. La Jolla: Conceptine.
- Rybezynski, W. (1989). *La casa, historia de una idea*. San Sebastián: Editorial Nerea, S.A.
- T. Hall, E. (1986). *A dimensão oculta*. Lisboa: D'Água Editores.
- Távora, F. (1999). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações.
- Teyssot, G. (1987). *Interior landscapes*. Milão: Electa Spa.
- Towers, G. (2005). *An introduction to urban housing design, at home in the city*. Oxford: Elsevier Ltd.
- Turrel, J. (2009). *Geometry of light*. Berlin: Hatje Cantz Publishers.
- Vergés, M. (2007). *Light in architecture*. Antwerp: Tectum Publishers.
- Zumthor, P. (2006). *Peter Zumthor atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A.

BIBLIOGRAFIA IMAGENS

03. Retirado em Fevereiro 2, 2012 de
<http://www.archdaily.com/118906/house-in-leiria-aires-mateus/23-41/>
04. Retirado em Fevereiro 2, 2012 de
<http://www.archdaily.com/118906/house-in-leiria-aires-mateus/71-10/>
05. Retirado em Abril 10, 2012 de
<http://sglivingpod.com/home-decor/2010/10/sentosa-cove-houses/sentosa-house-image-5/>
06. Retirado em Março 14, 2012 de
<http://www.archdaily.com/87065/school-of-arts-tetrarc-architects/031e4200%C2%A9schalmeau/>
- 07 - Retirado em Fevereiro 2, 2012 de
<http://arkitectos.blogspot.pt/2010/01/quinta-de-santo-ovidio-arq-alvaro-siza.html>
- 08 - Retirado em Fevereiro 2, 2012 de
http://www.bisazza.com/#/designers/stefano-giovannoni_it_0_3_30.html
- 09/10/11. Retirado em Janeiro 26, 2012 de
<http://www.ong-ong.com/projects/55-blair-road/8>
12. Retirado em Abril 6, 2012 de
<http://archiphile.tumblr.com/post/16281591024/staircase-saturday-more-staircases-itamaraty>
13. Retirado em Abril 6, 2012 de
<http://www.tomorrowstarted.com/2012/01/doriana-massimiliano-fuksas-armani-group-flagship.html/doriana-massimiliano-fuksas-armani-group-flagship>
14. Retirado em Janeiro 17, 2012 de
<http://www.stairporn.org/category/helical-stairs/>
15. Retirado em Março 21, 2012 de
<http://www.domusweb.it/en/news/paula-santos-house-in-ovar/>
16. Retirado em Março 21, 2012 de
<http://www.archdaily.com/218585/corallo-house-paz-arquitectura/71-12/>
- 17/ 18. Retirado em Fevereiro 2, 2012 de
<http://www.designboom.com/weblog/cat/9/view/22801/studio-mk27-v4-house.html>

19. Retirado em Janeiro 17, 2012 de
<http://www.stairporn.org/tag/architectural-stairs/>
20. Retirado em Abril 6, 2012 de
<http://www.boredpanda.com/creative-staircases/>
21. Retirado em Abril 11, 2012 de
<http://www.evolo.us/architecture/floating-staircase-zaha-hadid-architects/>
22. Retirado em Abril 11, 2012 de
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1103133>
23. Retirado em Janeiro 17, 2012 de
<http://www.stairporn.org/category/floating-stairs/>
24. Retirado em Janeiro 26, 2012 de
http://www.e-architect.co.uk/images/jpgs/madrid/hotel_puerta_america_johnpawson_2.jpg
25. Retirado em Março 7, 2012 de
<http://www.thecoolist.com/mandarin-oriental-hotel-barcelona/>
26. Retirado Fevereiro 3, 2012 de
<http://adesignideas.blogspot.pt/2009/07/spa-design-vals-switzerland-peter.html>

Anexos

Desenhos Técnicos Fornecidas:

Alçados-

Cortes-

Planta do terreno-

Plantas Piso 1 e Piso 2-

Desenhos Técnicos Finais:

Cortes-

Plantas com identificação dos cortes-

Plantas Piso 1 e Piso 2-

OBRIGADA